COLEÇÃO ARTICULAÇÕES POÉTICAS E ESCRITAS DE SI

VOLUME I

DAS CAMINHADAS E DAS ESCRITAS

COLEÇÃO
ARTICULAÇÕES POÉTICAS
E ESCRITAS DE SI

VOLUME I

DAS CAMINHADAS E DAS ESCRITAS

Debora Pazetto
Marta Martins
Rosana Bortolin
Sandra Correia Favero
Silvana Macêdo (Org.)

1ª Edição

PPGART editora
UDESC | CEART
AP

Santa Maria
EDITORA PPGART
2021

C691 Coleção articulações poéticas e escritas de si [recurso eletrônico] : volume I : das caminhadas e das escritas / Debora Pazetto ... [et al.] organizadoras. – 1. ed. – Santa Maria, RS : Editora PPGART, 2021.
1 e-book : il.

ISBN 978-65-88403-39-6

1. Literatura brasileira 2. Articulações poéticas 3. Escritas de si 4. Ensaios I. Pazetto, Debora

CDU 869.0(81)-82

Ficha catalográfica elaborada por Shana Vidarte Velasco — CRB 10/1896 - Biblioteca Central - UFSM

Organizadoras
Debora Pazetto, Marta Martins, Rosana Bortolin, Sandra Correia Favero e Silvana Macêdo.

Equipe editorial
Gustavo Reginato, Martina Hotzel, Sandra Correia Favero e Silvana Macêdo

Design Gráfico
Martina Hotzel

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS.
Telefones: 3220-9484 e 3220-8427
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
coral.ufsm.br/editorappgart/

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O início da pandemia e do isolamento social causou um forte choque que nos abalou e, em um primeiro momento, nos paralisou. Em abril de 2020, com a suspensão das atividades de ensino e extensão na UDESC, sentimos muitas angústias e incertezas, percebendo o impacto da pandemia crescer no decorrer dos meses subsequentes em nossa comunidade universitária, na sociedade brasileira e no restante do mundo, de forma profundamente desigual. Em meio ao caos social e sanitário, passamos por intensos aprendizados para conseguir dar seguimento a nossas vidas. Passou a ser primordial, em nossas preocupações, uma atenção maior para o cuidado com a vida e o meio ambiente. O isolamento físico, possível apenas para uma parcela da população, escancarou ainda mais as vergonhosas desigualdades da sociedade brasileira. Sem o devido apoio estatal, muitas pessoas com pouco ou nenhum acesso ao mundo digital, ao emprego e à renda básica se distanciaram dos cursos de graduação para lutar pela sobrevivência.

Neste contexto, e paradoxalmente, o modo de ensino remoto emergiu atropelando muitas ausências e exclusões, mas também como um lugar de afirmação das potências do desejo e do diálogo. Em eventos online, muitas pesquisas universitárias puderam continuar sendo compartilhadas e abrir, assim, espaços de esperança, resistência, valorização da vida e luta por direitos humanos. Diante da situação, o Programa de Extensão Ações Poéticas e o Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UDESC, realizou o simpósio **ARTICULAÇÕES POÉTICAS E ESCRITAS DE SI** de modo virtual.

Entre os meses de outubro e novembro de 2020, reunimos convidades de outras instituições de ensino superior e também da comunidade extra-universitária para apresentar suas produções artísticas e seus trabalhos teóricos que se aproximam da proposta de *escritas de si.* Parte da reverberação dos resultados é agora apresentada neste livro, publicado pela Editora do PPGART, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM.

Michel Foucault em seu texto *A escrita de si* aborda ideias de filósofos da antiguidade que tinham na escrita uma forma de cuidado de si, uma prática para o autoconhecimento. Nesta perspectiva, a escrita de si oferece um meio para construirmos nossa subjetividade através da experiência da escrita. No simpósio, pensamos a escrita de si ampliada para qualquer forma de manifestação artística – produzir arte é, também, escrever de si.

Para examinar as múltiplas possibilidades da escrita no campo das artes, formamos quatro mesas no simpósio: *Das caminhadas e das escritas; Escritas fora do armário; Práticas feministas de si;* e *Formas de narrar*.

****

A mesa *Das caminhadas e das escritas* realizou dois encontros partindo do desejo de trazer escritas de si que pudessem destacar o deslocamento enquanto um movimento que impulsiona provocações nos processos de criação de artistas convidadas. Os encontros evidenciaram mundos possíveis na impossibilidade de certezas em que vivemos. Assim, ativaram nossos corpos e mentes por meio de manifestações artísticas, sejam elas sobre ou com arte, através da escrita e/ou imagem. O primeiro encontro promoveu uma conversa entre Carina Weidle e Danillo Villa com a mediação de Daniela Vicentini e Gabriel Bonfim. O segundo encontro reuniu Déba Viana Tacana e Márcia Sousa, sendo mediado por Anna Moraes e Elisa V. Queiroz. As artistas convidadas, bem como integrantes do grupo que organizou a mesa, apresentam-se neste livro com ensaios escritos e/ou visuais , que tiveram como referência as comunicações, conversas e reverberações propiciadas pela mesa.

Abrindo o capítulo *Das caminhadas e das escritas*, nos deparamos com a escrita de si realizada por Sandra Correia Favero em suas caminhadas pelo Pontal da Daniela, em Florianópolis. Sua contribuição é uma série de fotografias, *Inanimados*, em que a natureza se mostra violentada.

Márcia Sousa apresenta *Lições da terra e da água*, em que, segundo a artista, "breves permanências em reservas ecológicas ainda preservadas, mas ameaçadas e em iminente risco, têm gerado extraordinárias experiências de vida e um arquivo fluido de imagens, sons, mapas, desenhos e anotações". Com Alecxandro Nascimento, colaborador na sua pesquisa, fizeram os registros fotográficos presentes no ensaio e o vídeo apresentado no simpósio do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, unidade de conservação de proteção integral localizada em Santa Catarina.

Em meio a movimentos e deslocamentos, "entre territórios e identidades, entre espaços e lugares", como diz Déba Viana Tacana, "a partilha começa com a cerâmica nas adjacências da morte". A artista coleta argila em territórios indígenas que se encontram vulneráveis quanto à demarcação e violação dos direitos humanos e onde as lideranças são constantemente ameaçadas e mortas. Da Amazônia, sua origem, até o sertão, Déba Tacana investiga por meio de corpos cerâmicos as memórias de seus parentes assassinados, em busca da "luz que anda". As impactantes apresentações instigaram Leandro Serpa, Luiza Reginatto e Odete Calderan a desenvolver um texto a seis mãos, *Déba Tacana e Márcia Sousa: deslocamentos e poéticas da existência*.

No simpósio, Danillo Villa nos trouxe, em suas palavras, "as memórias das suas primeiras andanças pela zona rural de Echaporã no interior de São Paulo, como experiência de afetação, buscando sinais confirmatórios externos, sinestesias, alguma vibração que ampliasse as paisagens internas, através daquilo que é próximo". Neste livro, apresenta um ensaio com desenhos em grafite sobre papel, *O infinito a seu dispor.* A conversa com Danillo levou Anna Moraes e Luanda Olívia a uma troca de cartas entre si, *Sobre desenhar modos de alcançar um céu*, como uma reflexão

sobre a fala de Danillo Villa e, ao mesmo tempo, um encontro para o diálogo com seus próprios processos de criação artística. Luanda percorre um caminho encontrando em Danillo, em Anna e em seus desenhos relações entre céu e terra, memória e fabulação, “pois se a memória está na terra, talvez a fabulação possa forjar um pedaço de céu”.

Ontem o dia estava assim, é um ensaio visual criado por Elisa Vieira Queiroz e Gabriel Bonfim, a partir da vontade de estar poeticamente presentes, marcando trajetos: “as nossas andanças, percalços, tropeços, descobertas, rastros, silêncios, caminhos, escolhas, passagens, falhas, fracassos, sucessos, recomeços.”

Carina Weidle apresentou no simpósio registros da performance *Cake,* constituída por uma série de ações que se valeram dos seus pés e sapatos, sua mala e de materiais moldáveis como elementos. A performance aconteceu na cidade de Aschaffenburg, contando com a participação da comunidade local. A artista trouxe para o livro a reflexão que fez sobre o processo de criação e o resultado da ação performática. Daniela Vicentini, que mediou a conversa com a artista, traz em um ensaio textual *E tudo se move – sobre Cake,* suas impressões a respeito da performance. Também apresenta Peixinho, um relato em aquarela sobre papel manteiga, sobre a percepção de um espaço-tempo que se dá pelo encontro entre seus pensamentos e o mar durante uma caminhada na praia.

****

A mesa *Escritas fora do armário*, título inspirado no clássico – e infelizmente ainda atual – texto de Eve Sedgwick, foi coorganizada por um grupo de pesquisa parceiro, também do Departamento de Artes Visuais da UDESC, o GUARÁ – Grupo de Pesquisas Descoloniais em Arte Contemporânea. A mesa foi composta por dois encontros: *Representações artísticas da infância queer*, com Natalia Borges Polesso, Be Leite e mediação de Carol Garlet e Debora Pazetto, e *Visibilidade lésbica na fotografia*, com Tata Barreto, Lívia Auler e mediação de Carina Castro e Debora Pazetto.

No simpósio, o primeiro encontro discutiu a importância das narrativas artísticas com perspectivas infantis como estratégia de reparação para crianças e adultes LGBTIQ+, considerando que a possibilidade de construir narrativas e imagens é uma maneira de criar outras referências de infâncias, especialmente daquelas invisíveis ou proibidas. Neste livro, artistas e mediadoras contribuíram com ensaios originais.

Natalia Borges Polesso, autora do premiado *Amora*, participa um conto inédito sobre águas, juventude, família, viagens internas e externas. O conto não é necessariamente *sobre* lesbianismo, é *com* lesbianismo. Como em seus diversos livros, Natalia constrói narrativas e cenários nos quais as lésbicas simplesmente manifestam sua existência. No mundo em que vivemos, revelar sistematicamente, por meio da literatura, que lésbicas existem na vida cotidiana – em suas diversas complexidades, diferenças e relações – é uma forte postura política.

Be Leite, que pintou as polêmicas crianças viadas censuradas na exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* (2017-8), guia seu processo criativo a partir da colagem de referências vindas da música, dos filmes, do universo infantil dos desenhos animados e do mundo pop. Aqui, apresenta um ensaio visual construído como páginas de um diário de 2020, ano em que se descobriu trans-agênero.

Carol Garlet, artista, educadora e pesquisadora das poéticas do corpo, contribui com um ensaio que traz, em meio às questões teórico-estético-políticas do lesbianismo no campo das artes visuais, uma discussão sobre o trabalho de outra artista lésbica: Mariana Pacor.

O segundo encontro discutiu as ausências e presenças de mulheres lésbicas na produção artística, como sujeito e tema, tendo como eixo condutor a representação fotográfica. Novamente, artistas e mediadoras contribuíram com interessantes ensaios textuais e visuais para este livro.

Lívia Auler, artista visual, pesquisadora e uma das fundadoras do coletivo Nítida - fotografia e feminismo, compartilha uma proposta que

transita entre o relato biográfico da famosa fotógrafa Alice Austen, a escrita de uma carta impossível a essa artista e alguns elementos da sua própria poética audiovisual.

Tata Barreto, fotógrafe com atuação voltada para as áreas de artes, comunicação, cultura e diversidade, fundadore da *Gataria*, primeira agência de fotografia voltada para o público LGBTIQ+ no Brasil, apresenta um ensaio visual que captura momentos expressivos de um *drag king* na quarentena, seguido de um ensaio textual no qual questiona os modelos hegemônicos de masculinidade.

Carina Castro, fotógrafa com trabalhos voltados aos movimentos populares de moradia, movimentos feministas e LGBTIQ+, contribui com um projeto texto-visual no qual retrata o próprio corpo como suporte de linhas tatuadas em outros corpos, se expondo como um arquivo de memórias amorosas fragmentadas que provoca a reflexão sobre o caráter colaborativo da formação das identidades lésbicas.

Debora Pazetto, professora de histórias e teorias das artes na UDESC, com pesquisa voltada para a análise da arte contemporânea brasileira pelo viés dos feminismos *queer* e das teorias descoloniais latino-americanas, apresenta um ensaio que reverbera importantes teorias lésbicas para debater o apagamento sistemático - nas imagens, documentações, narrativas históricas e contemporâneas – da vida e do trabalho de artistas lésbicas.

****

A mesa *Práticas Feministas de Si* foi constituída por três encontros que reuniram artistas, professoras e estudantes para explorar discussões feministas relacionadas com a escrita de si. A mesa foi nomeada a partir da expressão cunhada por Margareth McLaren, que alia a escrita de si foucaultiana ao projeto feminista de romper o silenciamento imposto historicamente às mulheres. O primeiro encontro foi entre Kássia Borges e Rosa Maria Blanca, com mediação de Letícia Honório e Rosana Bortolin; o segundo encontro foi entre Aline Motta e Luciana Loponte, mediadas por Lorena Galery e Ana Sabiá; e o terceiro contou com a participação de três artistas do Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas e uma convidada: Bárbara Paul, Bruna Ribeiro, Silvana Macêdo e Juliana Crispe (convidada), apresentando suas produções artísticas que articulam escrita de si com feminismos.

Neste livro, as conversas e debates que aconteceram no simpósio foram elaboradas na forma de ensaios textuais, visuais e, às vezes, um misto dos dois. A artista Aline Motta apresenta o ensaio visual *Pontes sobre Abismos* que aponta para narrativas sobre si e sua genealogia familiar. Ao investigar sua história familiar, Aline percorre territórios dentro do Brasil e além, numa busca que a leva até a África, entremeando sua escrita de si com a construção histórica e social do Brasil.

Em *Arte, Feminismos e Escritas de si: um exercício estético e político*, Luciana Loponte formula as seguintes perguntas: “Que escritas precisamos para os tempos conturbados em que vivemos? Que escritas de nós mesmas são capazes de deslocar verdades estabelecidas sobre arte, feminismos, mulheres, relações de gênero e sexualidade?” Para buscar elucidar estas questões, Luciana Loponte nos direciona a um diálogo com intelectuais e artistas como Margareth Rago, Michel Foucault, Gloria Anzaldúa, Jota Mombaça, Grada Kilomba e Louise Bourgeois.

No ensaio visual *Cartas à Outra*, Bárbara Paul e Bruna Ribeiro trocam correspondências entre si nas quais refletem sobre seus processos de produção artística com uma linguagem intimista. As artistas revelam memórias traumáticas, bem como as estratégias que criam para enfrentar condicionamentos sociais opressores e violências de gênero.

Em *Escrita de Mim e o Processo Criativo da instalação Elas*, Kássia Borges aborda algumas questões relacionadas ao feminino e à sua ancestralidade indígena. Em seu trabalho artístico, Kássia Borges denuncia a violência e a cultura do estupro na sociedade patriarcal colonizadora.

Rosana Bortolin, em *Um Olhar sobre a Trajetória de Kássia Borges*, nos conta aspectos relevantes da biografia de Kássia Borges, como sua busca por conhecer mais a cultura paterna Karajá, os costumes, rupturas e dores que ela vivenciou, ressaltando também os aprendizados e a sua luta como mulher indígena. Rosana destaca o encontro de Kássia com a produção das bonecas Karajás, uma tradição feminina passada de mãe para filha, que preserva valores, histórias e mitos do povo Karajá Iny.

Os laços entre mulheres de gerações distintas também está presente no ensaio visual *Eu sou um outro você,* de Juliana Crispe, no qual a artista fabula um encontro impossível entre sua filha e sua avó, falecida muitos anos antes da sua gestação. Juliana aproxima elos de sua biografia por meio de sobreposições de três vídeos, cujos fotogramas integram este ensaio. Aqui, Juliana se vê num espaço-entre, onde elabora a morte da avó enquanto gesta uma nova vida.

Rosa Blanca, em *Esbozo de una Subjetividad*, escreve sobre suas relações com a fotografia partindo das (des)identificações evocadas por autorretratos, narrando histórias do seu percurso poético e da sua condição bilíngue. O foco no corpo, fotografia, subjetividade e feminismos também está no cerne do trabalho de Letícia Honorio e Lorena Galery, que se entrevistam mutuamente em *Corpos Feministas em diálogo.* O ensaio visual de Ana Sabiá é um recorte da série *Jogo da Paciência*, que reúne autorretratos realizados durante a pandemia. Silvana Macêdo apresenta o ensaio visual *Difuso emaranhado: o corpo, pura incerteza*, no qual reúne pinturas e escrita de si para expurgar do corpo as marcas de memórias traumáticas e abrir novas possibilidades de vida para si e para outras. Os textos desse volume são elaborações das conversas que aconteceram no simpósio, tanto dos trabalhos apresentados na mesa quanto as contribuições que vieram a partir delas pelas mediadoras.

****

Para a mesa "*Formas de Narrar*", dois encontros foram realizados. O primeiro, *Gesto e singularidade*, contou com a contribuição da pesquisadora Bianca Tomaselli, que apresentou a obra do cineasta espanhol Val del Omar e Maruja Mallo, da psicanalista Gerusa Bloss, que discutiu a narrativa na obra de Sophie Calle, e da artista e pesquisadora Patrícia Franca Huchet, que apresentou parte de sua obra intitulada "A prisioneira". A conversa entre as participantes teve a mediação de Letícia Cardoso e Marta Martins, as quais propuseram moldura e encaixe aos temas abordados pela mesa, tão distintos e convergentes ao mesmo tempo. Assim, foi possível realizar uma bricolagem entre teorias, imagens e procedimentos de criação que conferem singularidades e gestualidades nas composições artísticas.

O ensaio de Patrícia Franca-Huchet, *Atravessando o enigma com antígona: Anotações para o futuro,* trata da construção de imagens a partir de arquivos da própria autora, como também imagens prontas e históricas. Há o interesse pela teatralidade, a fotografia, os mitos, ficções, cenários e as impressões que são recolhidas pelas práticas realizadas. Uma trama que transcende limites entre consciências e inconsciências, se vista pela história do mito de Antígona para remontar histórias que a inquietam.

No texto *Entre o Autorretrato de Val del Omar e as fotografias de si de Maruja Mallo,* de Bianca Tomaselli, aparecem aproximações que ampliam os pontos anteriores. O misticismo, as festas populares, as simbologias, os hibridismos e o universo das teorias que emolduram os movimentos artísticos convergem, num elo muito bem articulado entre gesto e singularidade. Elementos que também são amarrados por Gerusa Morgana Bloss no texto *Sophie Calle e escrita de si: um diálogo entre arte e psicanálise*, em que a autora empreende elaborações a partir dos estudos de diários, pistas e documentos deixados pela artista. Por fim, neste conjunto de deambulações entre arquivos mnemônicos e histórias, *Carta ao Sonho,* confeccionada na Ilha de Santa Catarina por Letícia Cardoso, encerra a sessão tratando da realização do trabalho prático e da escrita teórica como um modo de sonhar o texto.

Para o segundo encontro, intitulado *Inscrições e rastros,* contamos com a participação da professora bioarqueóloga Maria Fátima Ribeiro Barbosa, que contou sobre seu trabalho com Arqueologia e Preservação Patrimonial em sua pesquisa na Serra da Capivara, no Sul do Piauí, e da artista e pesquisadora Priscila Pinto, que compartilhou sua pesquisa artística sobre temas amazônicos. A mediação ficou por conta de Edson Macalini e Silmar Pereira, que articularam uma importante conversa sobre a conexão entre arte e natureza como base de pesquisa das duas participantes nos universos da biologia, arqueologia e artes visuais.

O terreno de investigação de Fátima Barbosa aparece em *Inscrições e Rastros na área arqueológica da Serra da Capivara*, vestígio dos paredões de pedra, dos rastros humanos no continente americano, da flora e da fauna preservadas através dos tempos no parque situado ao sul do Piauí, onde realiza seus estudos. A conversa ocorre também entre biomas brasileiros, Amazônia e Caatinga, que são conectados por meio do ensaio *Narrativas nos rastros da Cobra,* de Priscila de Oliveira Pinto Maisel. A artista e professora investiga os mitos das serpentes amazônicas, a origem do mundo e da humanidade na terra, na região que habita desde criança. No texto de Edson Macalini e Silmar Pereira, intitulado *Formas de Narrar - inscrições e rastros,* os autores escavam um pouco mais as discussões expostas pelas participantes da mesa, registrando suas impressões sobre o universo misterioso que persiste sobre toda natureza, a aparição de humanos na terra, os rastros e as inscrições deixados como vestígios de tempos, incertezas, símbolos, signos, sinais, indícios e provas de que muitos mundos já passaram por aqui.

Parte esquece, Parte lembra, de Elenize Dezgeniski, consiste num jogo de palavras construído com pequenas peças compradas em museus de azulejo. Algumas já foram parte de construções, outras, fora de linha, servem como escassas peças de reposição. O primeiro momento do trabalho foi realizado em 2018 e se apresentava como um jogo de palavras soltas, que podiam ser empilhadas e ordenadas de várias maneiras dentro de sua própria lógica, remetendo a uma espécie de jogo da memória.

Por fim, como último sinal das formas de narrar, Carlos Eduardo Ferreira Paula, em seu ensaio visual intitulado *Desenho: entre gesto e matéria,* deixa a marca de seus desenhos impregnados de matérias, desenhados sobre as impurezas de superfícies finas e espessas, lisas e ásperas. Camadas de gestos, pensamentos e procedimentos surgem nos desenhos como extensão de um corpo que testemunha a ação não apenas por meio da visão, mas com pele, pelos, poros e tatos.

A publicação **ARTICULAÇÕES POÉTICAS E ESCRITAS DE SI** com os textos e ensaios visuais a seguir, vem somar ao debate universitário e cultural neste momento histórico desafiador a resistência por meio da arte em sua prática e reflexão, mais necessárias do que nunca.

Florianópolis, junho de 2021

Debora Pazetto

Marta Martins

Rosana Bortolin

Sandra Correia Favero

Silvana Macêdo

INANIMADOS

Sandra Correia Favero















Com este ensaio fotográfico, inanimados, procuro evidenciar a realidade da vida. Atravesso atônita, como muitos, um período demarcado por tudo o que é perverso, vejo calada o dilaceramento da natureza.

De algum modo sinto que é preciso gritar.

Ensaio fotográfico. Sandra Correia Favero. 2017/18/21.

DÉBA TACANA E MÁRCIA SOUSA:

DESLOCAMENTOS E POÉTICAS DA EXISTÊNCIA

Leandro Serpa, Luiza Reginatto e Odete Calderan

A escrita, em primeira instância, é parte constituinte de uma tentativa de construir territórios, marcada pela intensidade que se gesta: *Das caminhadas e das escritas*[1] -, é potencializada na relação e reflexões com as artistas Déba Tacana[2] e Márcia Sousa[3] e as influências substanciais e densidades muito especificas em nossas pesquisas artísticas. Pelas margens, delineiam-se acionamentos percorrendo pontos de encontro em dobras reflexivas, conceituais e poéticas que adentram as leituras de mundo que as artistas operam e interagem, em densas camadas significativas; entre o pensar, a prática e o diálogo. Um caminhar que adentra percursos e se estabelece a partir de fluxos de forças em paragens mais demoradas, convocadas pelas inquietações e urgências encontradas em contextos observados em *terra-território, terra-lugar e terra-matéria* – atravessados por questões de memórias, afetivas, simbólicas, de resistência; justapostas por gestos porosos produzidos em subjetividades, experiências e desdobrados em produções artísticas.

A terra é o chão onde pisamos, mas também é um pedaço de nossa alma, é nossa mãe, o nosso abrigo e também nosso leito de morte. A terra é a matéria, o lugar e a fonte do trabalho de Déba Tacana, artista, mulher indígena, da etnia Tacana. Habitante da fronteira entre o Brasil e a Bolívia, discute a história do seu povo com um trabalho poético que rompe a barreira dos povos e das culturas, que faz dos deslocamentos pelo território de seus ancestrais, os povos originários do Brasil, um ato de resistência. A artista realiza um processo poético que consiste na coleta de terra em locais de conflitos nos territórios de seus ancestrais Tacana e de seus povos irmãos e que é utilizada na sua criação em arte. Seu trabalho se constrói sobre um território que é constantemente desconstruído e deslocado por estruturas de poder, Déba encontra no deslocamento caminho, processo e sentido para suas ações artísticas políticas. É assim que ela lê o mundo, através do deslocamento, do caminho, de uma relação única com a terra, com a matéria cerâmica que se torna mais que mediadora de seu estar caminhante no mundo, um corpo cerâmico que ocupa os espaços (Imagem 1)[4].

1 Simpósio Articulações Poéticas e escritas de si, organizado pelo Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (PPGAV/UDESC) - 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=5i9lx_sLwCY>. Acesso em: 20 fev. 2021.

2 Débora Caroline Viana Almeida. Artista Visual e pesquisadora. Mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC, na linha de Ensino das Artes Visuais, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

3 Márcia Regina Pereira de Sousa. Artista Visual, pesquisadora e professora. Atualmente pesquisa as relações entre arte, natureza, ecologia e bem viver. Docente no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul.

4 Fala de Déba Tacana para o Simpósio Articulações Poéticas e escritas de si, organizado pelo Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (PPGAV/UDESC) - 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5i9lx_sLwCY>. Acesso em: 20 fev. 2021.



Imagem 1: Déba Tacana. Coleta - *Argila de dois sóis*, as margens do Rio Mamoré. Território Wari. Território da União. Fonte: acervo da artista.

No gesto de coletar e deslocar a argila Déba reitera a presença de seus parentes e a existência do conflito em seu trabalho e potencializa a tênue linha de demarcação da *terra-lugar* propondo tornar 'presença' as invisibilidades e fragilidades evidenciadas em contextos históricos e socioculturais que adentram e permanecem na contemporaneidade. "Em um tempo especialista em criar ausências [...] está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover." (KRENAK, 2019, p. 26). Assim, Déba torna a cerâmica uma matéria que proporciona formas de elaborar o presente sem esquecer o passado. Ao coletar esse material em territórios onde nações indígenas tem a sua existência constantemente ameaçada, a artista pergunta à cerâmica, como ela mesma coloca: "o que ela pode desvelar sobre coisas que não posso entender, como a naturalização da violência e da morte de meus parentes?"[5] Essa caminhada que constitui a obra da artista é também a elaboração de diferentes processos de deslocamento, do deslocamento compulsório dos povos indígenas, deslocamento de fronteiras e espaços que perpassam as diferentes culturas e o deslocamento de seu próprio corpo, juntamente com o corpo cerâmico, em um processo de "cartografar a própria subjetividade" (RAGO, 2013, p. 33). Ao mesmo tempo em que permite ocupar espaços, o corpo da artista e o corpo da cerâmica, ocupam espaços, espaços acadêmicos, territórios da arte, através de uma presença escrita de outra ordem.

> Numa sociedade que valoriza altamente a escrita em detrimento da oralidade, (...) a escrita de si abre espaço para a apropriação do próprio eu, como um modo de autoproteção e autonomia. Nesse sentido, narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir. (RAGO, 2013, p. 140)

Déba se coloca com seu trabalho no lugar do conflito, no espaço da tensão e da disputa. Ela coleta a terra que sangra a ofensa dos séculos e conduz para o campo simbólico da criação poética, para seu atelier. Neste translado, da terra que se move, do chão para a cerâmica petrificada pelo fogo, Déba reanima os espíritos ancestrais, a fala de seus irmãos, o grito abafado pela opressão encontra eco no oco da terra que ecoa em suas obras.

5 Idem.

Nesse sentido, o pensamento de Quijano (2005) também nos auxilia a entender como a organização colonial representou em verdade a instauração de um 'cosmos opressor' que para além da escravização dos corpos, da humilhação e do massacre representou também a opressão dos símbolos, cuja exemplificação poderemos recorrer aos conceitos de ideologia ou de cultura, mas que na prática, significa tanto para os povos originários quanto para os negros transplantados a este lugar, o controle e a subjugação total, tanto física quanto simbólica. Foi praticada na chamada América Latina uma dominação de espectro total na qual todos os espaços, reais e espirituais, foram ocupados e marcados com os símbolos da cultura ocidental.

A poética com a cerâmica resulta dessa inquietude, proximidade e intimidade com a *terra-matéria* de lugares de práticas ancestrais. Aliada muitas vezes, as ações e processos intrínsecos da cerâmica que se revelam em potencialidades – pela matéria, conceitos, diálogos e procedimentos; ou até mesmo, nos acasos, como das rachaduras provocadas pela ação da queima cerâmica. A partir dessa observação a artista assimila-as conceitualmente em práticas artísticas, associando-as às rupturas no tecido social da universidade, na qual, se reconhece enquanto presença entre as minorias. E compreende também, esse corpo cerâmico organizado em camadas de linhas espessas sobrepostas uma a outra da *terra-matéria* - cerâmica terracota; como na instalação *Levantar Truká*. Como presenças, memórias em espaço e tempo distintos - suspensos. E que no interior vazio é preenchido com um foco de luz que projeta no chão as linhas de demarcação do *lugar-território Truká* (Imagem 2*)*:

> Argila coletada em meio a guerras travadas na atualidade em Território Truká modelaram fronteiras demarcadas nas peças vazadas, correspondentes ao seu formato geográfico. As fragilidades das recentes ocupações históricas dos não-indíginas e dos conflitos sociais presentes nos territórios originários na atualidade deslocam-se em Levantar Truká. Levantar territórios é como um engatinhar sobre terrenos pouco óbvios e fragmentados. Um caminho de estilhaços, poeiras e de cosmovisões que para muitos é desconhecida.[6]

6 ALMEIDA, Débora Caroline Viana. MIRAR TRUKÁ: Deslocamentos poéticos sobre territórios indígenas no sertão do São Francisco. 2018. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso -Universidade Federal do Vale do São Francisco. Juazeiro-BA, 2018. P.40-47; Déba Tacana. Disponível em: <https://www.debatacana.com.br/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

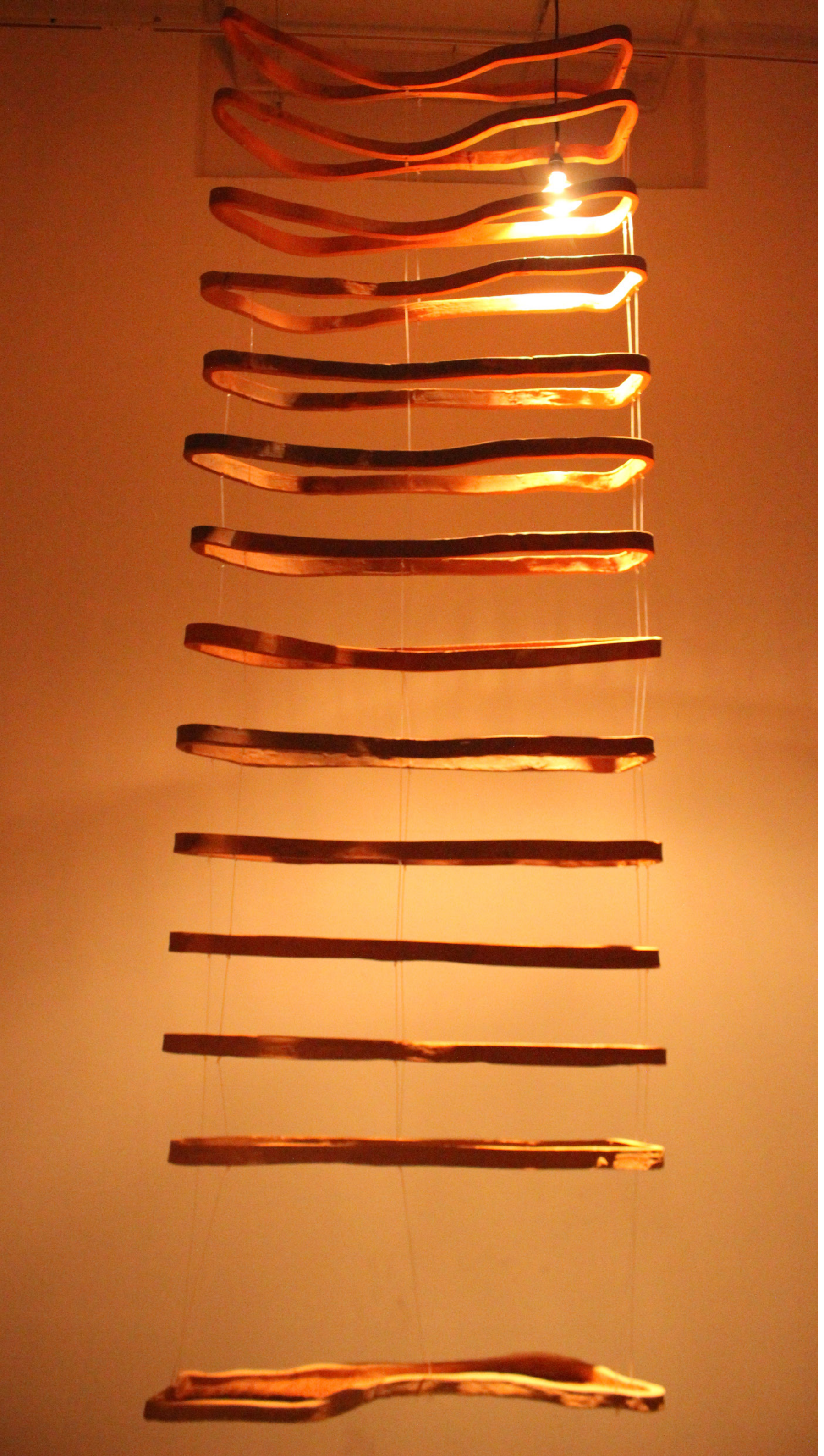


Imagem 2: Déba Tacana. *Levantar Truká*. Instalação com cerâmica composta de várias peças vazadas e sobrepostas 90 x 40 cm, queimada a 1100°C. 2018. Fonte: acervo da artista.

Conforme nos informa Quijano (2005) a dominação tudo habita. Todos os espaços, seja da concretude física da matéria à terra dos espíritos, tudo foi ocupado pelo invasor. Déba nos conta sobre a violação que ocorre, na carne e na alma de seu povo. Por isso Déba resiste! Por isso seu trabalho grita! Estamos diante de uma guerra dos mundos e precisamos ter ciência do nosso papel neste conflito. Não basta ser simpático a causa. É preciso lutar junto.

Na terra, na margem do imenso rio, diante do infinito sol e da noite profunda, Déba coleta um pedaço da carne dos tempos, da argila que removida mostra os rastros de uma existência em chamas de um conflito que não se extingue. Seus ancestrais falam pela argila que se desloca do leito do rio para a cozida cerâmica. Com seus ancestrais as marcas das lutas passadas, das dores e também, as esperanças. Com seus irmãos a vida que resiste se renova em meio a adversidade. Ainda podemos vencer a batalha!

No conflito dos mundos, que, segundo a lógica do pensamento ocidental, pode ser dito como a crise do capitalismo, podemos construir espaços de vida e de luta. Déba nos mostra em sua obra a criação de um espaço de convívio e resistência que para além da defesa de uma memória é sinal de uma revolta contra a queda dos mundos, contra a queda do céu[7].

É também através do deslocamento que Márcia Sousa encontra seu trabalho artístico, percorrendo com o olhar atento e sensível os biomas brasileiros, a artista realiza coletas visuais que depois organiza em diversos formatos, que envolvem a ideia do caminhar, de deslocamentos que abrangem espaços naturais de preservação permanente, que, no entanto, vêm sofrendo constantes ameaças. Diante da urgência de ações efetivas para minimizar os efeitos causados por nossa presença no planeta, Márcia nos propõe pensar o que podem as artes nesse contexto.

Os percursos traçados por Márcia juntamente com integrantes do Projeto de Pesquisa Arte e Natureza[8] evidenciam a busca por novos modos de existência. As saídas de campo, acompanhadas por registro gráficos, desenhos, anotações, fotografias, vídeos, áudios, buscam produzir a partir da experiência pessoal que reverberam esses encontros com a natureza. Nesse sentido, a escrita de si se constitui também como uma abertura para o outro, ou seja, o trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional.[9]

7 KOPENAWA, 2015.

8 Projeto de Pesquisa Arte e Natureza: Proliferações - sob a coordenação da Professora Dra. Marcia Regina Pereira de Sousa, iniciado em 2015. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/p10159>

9 RAGO, 2013, p. 50.

O projeto *lições da terra e da água* em desenvolvimento desde 2019, germinado nas reservas ecológicas sulinas como o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, unidade de conservação de proteção integral localizada a 30 quilômetros de Florianópolis, em Santa Catarina, gerou duas ramificações: os vídeos *lições da terra e da água: silêncio* e a publicação *lições da terra e da água: resiliência*[10] (Imagens 3 e 4).

A artista visitou o parque após os incêndios de 2019 que devastaram mil hectares de área, com intuito de elaborar, a partir da produção artística, a destruição causada. No entanto é surpreendida pela capacidade de recuperação, de resiliência da natureza, a vida resiste, e a publicação traduz esse sentimento em fotografias que atentam para os pormenores de uma vegetação que se reconstrói. (Imagem 5) “O mundo é aquilo que as plantas souberam fazer dele.” (COCCIA, 2018, p. 26) Aqui os territórios serão expandidos também com a publicação desses trabalhos virtualmente, após o seu lançamento, o que possibilitará que pessoas de diversas partes do mundo tenham acesso. “Viver, experienciar ou estar-no-mundo, significa também se fazer atravessar por toda a coisa.” (COCCIA, 2018, p. 70)

Uma escrita que foge aos moldes de como a história foi contada ao longo de tantos anos, que ocorre através da cerâmica, do deslocamento, do contato com a terra, de uma maneira ampla, plural e que se materializa em livro, em objeto cerâmico, em ação, em obra de arte que extrapola os seus meios, para transmitir uma parcela dessa experiência que pode apenas ser vivida, mas que demonstram uma necessidade de expandir e pensar em novos territórios. Assim, o deslocamento não existe apenas na produção do trabalho, mas em sua disseminação e enquanto o fazer em si, na busca de novos modos de existência. Essa possibilidade de mudar os modos de vida, ou mesmo de enxergar outros modos possíveis faz parte de nosso processo de descolonização, um modo de existência construído a partir de novas relações com o outro e consigo. Quando entendemos que a natureza somos nós, em pé de igualdade, há um pareamento de existências, a fim de afastar os seres humanos da posição de detentores da subjetividade. As duas artistas também costuram suas relações ao “cartografar seu próprio percurso e evidenciar os deslocamentos subjetivos, em meio às transformações sociais vividas.” (RAGO, 2013, p. 97)

10 *Lições da terra e da água: resiliência*. Disponível em: <https://www.facebook.com/grupoartenatureza/photos/pcb.69>.



Imagem 3: Márcia Sousa, *Lições da terra e da água* (imagem de processo), 08 de fevereiro de 2020. Fotografia: Alecxandro Nascimento. Fonte: acervo da artista



Imagem 4: Márcia Sousa, *Lições da terra e da água*, (imagem de processo), 29 de fevereiro de 2020. Fotografia: Alecxandro Nascimento. Fonte: Acervo da artista.



Imagem 5: Márcia Sousa,
Lições da terra e da água
(imagem de processo), 2020.
Fotografia: Márcia Sousa.
Fonte: acervo da artista.

Assim, habitadas por múltiplos outros em um exercício de si, as produções das artistas tocam profundamente, exalam poeticamente pela pluralidade de significados, tudo pulsa. Produz presença. Resiste.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis. Cultura e Barbárie, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi. **A Queda do Céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

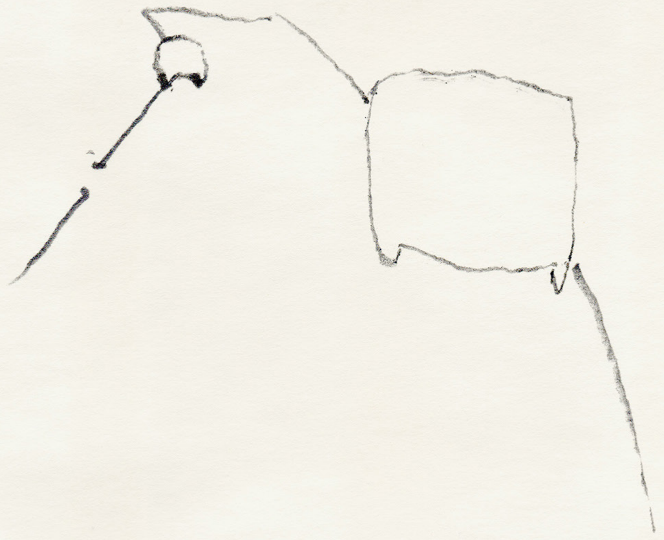
RAGO, Luiza Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

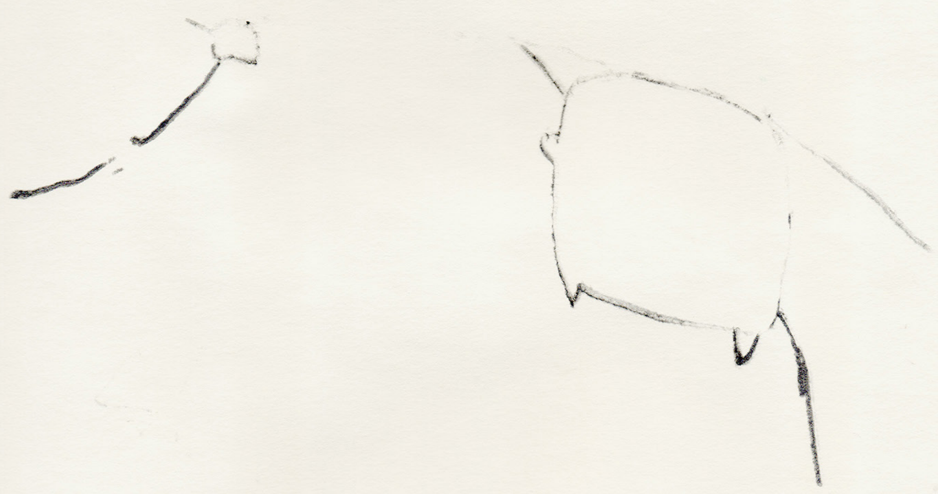
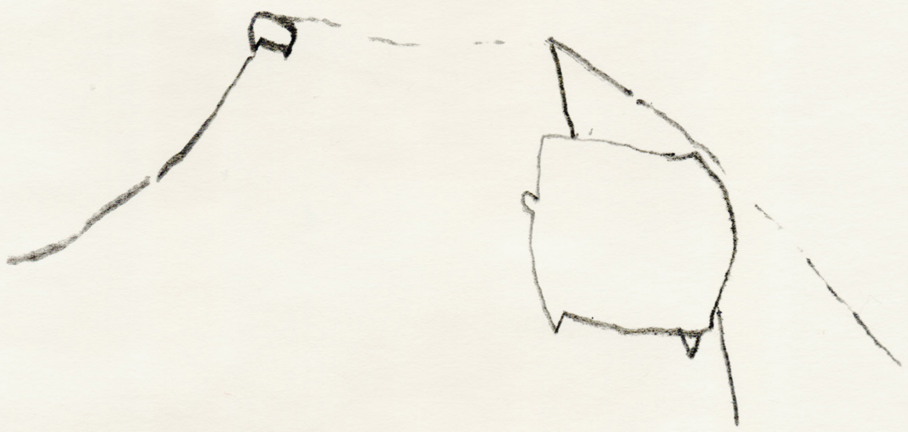
QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. *In*: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

O INFINITO A SEU DISPOR

Danillo Villa













Ficha técnica

Autor:
Danillo Villa

Título:
O infinito a seu dispor

Técnica:
Grafite sobre papel

Dimensão:
19,5 x 29 cm

Ano:
2021

Crédito fotográfico:
Danillo Villa

SOBRE DESENHAR MODOS DE ALCANÇAR UM CÉU

Anna Moraes e Luanda Olívia

Gostaria de começar este texto com o sentimento que tive, de impossibilidade de não me afeiçoar pelo trabalho de Danillo Villa. Especialmente quando ele fala para uma câmera em um seminário virtual, tendo em sua parede ao fundo um cobertor de pelúcia azul com os dizeres “eu te darei o céu meu bem”. Quais possibilidades existem de dar o céu a alguém, ou ainda, o que resta para o resto quando uma só pessoa recebe um céu de presente?

Talvez meu objeto de afeição resida nessa impossibilidade, nessa mentira que se conta às crianças ou aos seres amados como forma de dar poesia à vida. Mas não seria esse também um dos papéis da arte? Tentar dar materialidade àquilo que se incorpora como sagrado ou mesmo a um paraíso e ainda entregando-o a uma pessoa, objeto de afeição, que mereça toda a imensidão do céu? Gosto dessa solução para o presente: materializar o céu em um cobertor azul fofinho com os dizeres.

Em minhas práticas como artista também busco no céu formas de dar materialidade à poesia do cotidiano. Mas, em uma atitude menos ousada que a de arrancá-lo e entregá-lo a alguém, brinco de ligar pontos do céu com as estrelas, reconhecendo formas que povos muito antes de nós chamaram de constelações. Nessa prática, convido a desenhar junto, desenhar com os olhos, percorrendo trajetórias de pontos que resultam em formas de animais, de personalidades divinas ou até de objetos. Uma impossibilidade de desenho, uma vez que não há risco material, apenas o olhar. Uma forma de compartilhar um céu.

Danillo cita Oswaldo Goeldi e Guignard em suas obras como pontos de reflexão que tangenciam a percepção de espaços: não são espaços ficcionais, são paisagens observadas. São materialidades de uma presença. Quem desenha sempre está atento. E sempre atualiza o que viu e o que vê. Objetos, pessoas e paisagens passam a ser representados menos como uma cópia fiel daquilo que chega ao olho, e mais como uma impressão de si naquilo que se desenha: quem desenha registra o mundo mediado pelo olhar e realizando pelo gesto, elegendo afinidades e revelando a intimidade com a superfície das coisas. Danillo chama de fluxos de atenção e afetação, e fala sobre como o desenho proporciona que o artista se misture ao meio, captando vestígios, retomando espaços, fazendo com que as coisas voltem a ser mistério.

Acho interessante a forma como o desenho se apresenta nas práticas de Danillo. Também quando ele fala da tentativa de caminhar uma linha reta na cidade de seus pais, atravessando campos e fazendas: como seguir em linha reta quando se chega a um rio? Gosto muito da ideia do desenho no espaço, em que o próprio corpo assume o papel de lápis que risca a superfície. Além disso, suas longas caminhadas trazem a proposição da fuga. A consciência de fugir, de sair, para estar presente. É um paradoxo ou é próprio da criação artística? Partir em busca de outros percursos e horizontes para se reconhecer e estar presente.

Certa vez li um texto de Richard Serra, falando sobre sua obra *Schift,* de 1973, em que ele caminhava com outra pessoa por um terreno sem que perdessem o contato com os olhos: “o resultado é uma maneira da pessoa se medir a si mesma, ante a indeterminação do terreno” (SERRA, 1973, p. 326). Medir a si mesmo ante a indeterminação do terreno me parece uma condição própria do artista, especialmente quando se caminha sozinho por longas distâncias, ante à atitude de atravessar o rio não, em seguir a linha reta ou não.

Mas neste período em que vivenciamos distâncias físicas e isolamentos, eu gostaria de seguir dividindo o céu com alguém, mais que dá-lo a uma só pessoa. Eu gostaria de compartilhar um terreno e medir a mim mesma ante toda indeterminação, dúvida e impossibilidade do momento presente, apoiada no olhar do outro, na segurança da presença de um olhar afetuoso. E para isto, divido este texto com a Luanda, com quem divido também o gosto por desenhar, pela linha do desenho e pelas leituras ficcionais de realismo fantástico. Luanda tem uma forma sensível e muito profunda de observar e criar, tecendo casulos e descortinando planos entre o real e o ficcional, costurando colchas de retalhos de fabulações, algo que meus olhos que procuram por horizontes por vezes não alcançam. Penso que compartilhamos do “olhar entre”, eu procurando as bordas e Luanda as frestas.

Acho bonita a forma como nossos olhares se equilibram, e penso ser o equilíbrio perfeito com quem dividir este céu do qual Danillo nos instiga a falar. Ao longo do isolamento social de 2020, Luanda e eu buscamos olhar para o céu ao desenhar, mas não sabíamos dessa prática uma da outra. Como uma tentativa de transpor a moldura da janela e alcançar até onde o olho alcançasse, ou na tentativa de descortinar o céu, desenhamos o céu. E talvez seja o ponto de encontro de nosso interesse o céu fofinho do presente de Danillo.

Anna Moraes



Imagem 1: Danillo Villa. *Eu te darei o céu meu bem*. Pelúcia, manta acrílica, espuma e algodão cru. 150 x 550 cm, 2017. Fotografia do artista.



Imagem 2: Anna Moraes.
Para desenhar com olhos noturnos, videoarte 50” 2020
<https://youtu.be/7uCLtZYp2_c>
Imagem da artista.

É um prazer compartilhar este espaço de escrita com a Anna, em uma tentativa de tecer um comentário sobre nossas experiências com a apresentação de Danillo Villa no Simpósio Articulações Poéticas e Escritas de Si. Já acreditava que, por nossas produções se diferenciarem em muitos aspectos, Anna e eu provavelmente iríamos abordar pontos diversos da fala de Danillo. No início de nosso processo de escrita foi grande minha surpresa quando descobri que os apontamentos de Anna partiam da obra que traz a frase "eu te darei o céu meu bem".

Acredito que certas ideias que permeiam as obras de Danillo, como se localizar no mundo a partir da caminhada, criar um céu, fugir e valorar a experiência cotidiana sejam complementares, em um paradoxo que é o único movimento possível. Anna se pergunta como é possível dar o céu a alguém. E Danillo trata como isto mesmo, impossibilidade.

Por não ser questão de ganhar um pedaço do céu dentro de uma caixa - pois o céu é uma daquelas coisas "da ordem do imaterial, que não obedecem a nossos desejos", como Danillo aponta em sua apresentação - o que importa é saber que alguém assume uma tarefa impossível por nós. E isso mesmo diante do inevitável fracasso, como Anna escreveu tão lindamente sobre as mentiras que contamos às crianças e seres amados. Mas também saber que ainda temos em nós mesmos esse desejo, e que talvez, como artistas, possamos atiçar a sensibilidade de outro alguém com nossas tentativas de voo.

Talvez seja característico do artista acreditar que algo valha o projeto de alcançar o inalcançável. Ou, como diz Gilles Deleuze, "Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível" (DELEUZE, 1992, p.167). O desenho é um modo de criar possíveis, ou, como Danillo afirma de modo tão bonito, "é uma espécie de saída permanentemente disponível". Isso me leva a dois aspectos de sua apresentação: as ideias de repetição e de fuga.

Um certo desejo de repetição parece tomar conta daquele que desenha - mais uma maçã ou mais uma paisagem; ou, para Anna e eu, mais uma montanha ou casulo. Não para esgotar possibilidades, mas para descobrir, vez após outra, que sempre há uma nova saída. E se cada saída for um novo modo de anular o sujeito, penso nessa anulação como a suspensão de um peso, no desenho como a água que sustenta um corpo ainda presente,

mas em relações mais intensas com aquilo que o cerca, e isto pode ser fugir para estar presente. O desenho pode ser esse espaço de flutuação. Lugar onde se aceita a impossibilidade e o paradoxo como partes de uma poética ou procedimento, algo que faz parte de minha produção desde que comecei o trabalho com uma "arqueologia do impossível" (da qual Anna, inclusive, foi uma das primeiras interlocutoras). Creio que o carinho por um movimento paradoxal seja interessante para pensar relações entre céu e terra que percebo de algum modo no trabalho de Danillo Villa, de Anna Moraes e no meu - pois se a memória está na terra, talvez a fabulação possa forjar um pedaço de céu.

Enquanto registro infiltrações em meu espaço com o céu da janela e a umidade das paredes, Anna registra tanto seu olhar sobre o céu da noite, quanto as montanhas e os rios que carregam seu nome. Danillo retorna a caminhos de terra já tantas vezes desenhados para desenhar mais uma vez, ou construir um trabalho com a fugacidade do momento em que um cobertor se sustenta diante do céu.

Percebo aí relações entre casa e paisagem, entre corpo e território, entre "eu" e o que está fora de mim, em exercícios que de alguma maneira anulam essas divisões, ou suspendem o peso do sujeito. E digo aqui "exercícios" porque não costumo considerar desenhos como definitivos, e até por isso intitulo muitos de meus trabalhos como "esboço" de algo. Projetos nunca finalizados, que exigem sempre mais um desenho, o que me lembra aquilo que Danillo diz sobre uma "ansiedade de resposta, de saber o que estou fazendo, que eu só sei responder desenhando de novo."

Talvez desenhar mais uma vez um casulo seja minha saída para a impossibilidade de captar o momento do voo. Registro então a concretude do inseto por vir, imagem terrestre que traz a promessa da criação de asas, a promessa de um pedaço do céu...e sorrio ao lembrar que um cobertor também é uma espécie de casulo. O desenho pode reafirmar uma localização no mundo, mas também uma capacidade de olhar para as estrelas, e, principalmente, nos lembrar que apreciamos o céu porque olhamos para ele a partir da terra: o astronauta que por anos habita o espaço sideral talvez já não se fascine tanto com as estrelas quanto Anna, que desenha constelações com os olhos de novo e de novo.



Imagem 3: Luanda Olívia. *Desejo de voo* (Série *Espaços de flutuação)*. Lápis e nanquim sobre papel, 21x30 cm, 2021. Imagem da artista.

Agora devo encontrar uma maneira de encerrar este texto, o que a esta altura já se apresenta como mais uma impossibilidade: a de delimitar fronteiras em uma cartografia de cruzamentos dos caminhos percorridos por Danillo Villa, por Anna Moraes e por mim.

Recordo um trecho de Italo Calvino (1990, p. 28) em que ele afirma que a leveza está associada à precisão, e não ao que é vago ou aleatório. Em seguida, cita Paul Valéry: “É preciso ser leve como o pássaro, não como a pluma”. O esforço para encontrar palavras que dêem conta desta interrupção me recorda da importância de reafirmar que o exercício da fuga não é algo de uma leveza supérflua: em relação à prática do desenho, Danillo afirma que os espaços e objetos *perguntam se ele continua atento e sensível.* Seja o desenho um exercício de localização, flutuação, voo ou caminhada, creio e desejo que a pergunta persista.

É com atenção e sensibilidade que o pássaro traça caminhos no ar e escolhe também locais de pouso. E é com atenção e sensibilidade renovadas que agradeço ao Danillo por compartilhar seu processo artístico conosco, e à Anna por escrever este texto comigo.

Luanda Olívia

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo:

Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. Conversações, 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

SERRA, Richard. Deslocamento. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org¬.). Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 325-329.



ONTEM O DIA ESTAVA ASSIM

Elisa Vieira Queiroz e Gabriel Augusto de Paula Bonfim

Na primavera de 2020 aconteceram as mesas que compuseram o **Simpósio Articulações Poéticas e escritas de si**, a primeira delas foi “das caminhadas e das escritas” onde pudemos ouvir as artistas Carina Weidle, Danillo Villa, Déba Tacana e Márcia Sousa, falarem de suas produções e articularem com processos de caminhadas e escritas.

Ainda nessa mesa, nós também fizemos parte, porém de pano de fundo, junto com uma equipe preparamos a organização, convites, burocracias, divulgação, mediação, moderação e etc. E por mais que acreditemos que a arte está em todas essas coisas, pois arte é vida e vida é arte, sentimos falta da produção poética em si, de colocar a mão na massa, produzir imagem e texto.

E é a partir dessa vontade que esse ensaio visual nasce. Em primeiro momento pensamos em radicalizar e apresentar somente as imagens, sem texto e/ou contexto, já que a categoria “ensaio visual” sempre é mal interpretada e/ou mal entendida dentro da academia: muitas das revistas científicas e eventos da área se confundem quando falam em ensaio visual, os requisitos são sempre exagerados e nada visuais, algumas revistas pedem laudas e laudas de texto, tornando as imagens elemento de menor importância, como se elas sozinhas não dessem conta do trabalho, como se o texto tivesse a obrigação de servir como introdução das imagens que vem a seguir, ou pior ainda: explicar o que vem a seguir, como se as imagens e a arte devessem explicação para alguém!

E talvez por isso mesmo esse texto foi criado.

Sobre as caminhadas e escritas, que nem sempre são feitas com palavras e frases, mas comportam o todo por onde passamos e como isso também nos constrói e nos constitui. As nossas andanças, percalços, tropeços, descobertas, rastros, silêncios, caminhos, escolhas, passagens, falhas, fracassos, sucessos, recomeços. Ontem o dia estava assim.













EXPERIÊNCIAS DE VIDA IMERSAS EM TERRA E ÁGUA

Márcia Regina Pereira de Sousa

O presente texto deriva de minha apresentação realizada no Simpósio *Articulações poéticas e escritas de si*[1], organizado pelo Grupo de Pesquisa em Artes Visuais Articulações Poéticas (UDESC/CNPq) em 2020.

Ao longo da escrita apresento brevemente os projetos *Arte e Natureza: proliferações*, que coordeno no Centro de Artes da UFPel; e *HerbArt: Arte y ciencia en confluencia*, cujos movimentos e discussões originaram o projeto artístico *Lições da terra e da água*, assunto preponderante deste texto.

CAMINHAR, PARTILHAR, PESQUISAR

A título de contextualização, inicialmente apresento o projeto de pesquisa *Arte e Natureza: proliferações*[2], que está em movimento no Centro de Artes da UFPel desde 2015 e harmoniza as dimensões teóricas e poéticas de uma investigação em artes visuais. O grupo de pesquisadores é composto majoritariamente por mulheres, e temos realizado ao longo dos anos um extenso levantamento de referências bibliográficas e artísticas na chave de pesquisa arte + natureza + ecologia; temos lido e discutido textos relacionados a esse campo de estudos; partilhamos processos de trabalho e de escrita, bem como a organização de publicações, seminários e exposições.

Duas dimensões tomaram um corpo bastante considerável nos anos recentes do projeto: a ênfase no convívio, na alimentação e no bem-estar; e experiências investigativas em campo aberto, que surgem de caminhadas coletivas por diferentes espaços naturais.

Evoco esse projeto no início desta escrita pois as pessoas que compõem esse grupo, assim como os movimentos que temos partilhado, constituem um solo sobre o qual tenho semeado muitas de minhas concepções artísticas recentes, dentre as quais o deslocamento por diferentes territórios.

Nesse sentido, menciono especialmente uma vivência coletiva ocorrida em novembro de 2019, no contexto do I Seminário e II Encontro Arte e Natureza[3], em que realizamos um percurso pela Estação Ecológica do Taim, unidade de conservação de proteção integral localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, remanescente do Bioma Pampa.

1 Mesa *Das caminhadas e das escritas*, ocorrida virtualmente em 9 de outubro de 2020 em conversa com a artista Déba Viana Tacana e com mediação de Anna Moraes e Elisa Queiroz.

2 Denominado informalmente de *Grupo ArteNatureza*. Para conhecer algumas de nossas ações, acessar a página: <https://www.facebook.com/grupoartenatureza>.

3 Coordenado por mim e organizado pelas integrantes do Grupo ArteNatureza, o evento ocorreu de 6 a 9 de novembro de 2019 no Centro de Artes da UFPel e em outros espaços da cidade de Pelotas. O seminário teve como propósito apresentar à comunidade as pesquisas que vinham sendo realizadas no âmbito do projeto, bem como abrir espaços de discussão ao convidar professores, artistas e estudantes que operam nesse campo de investigação atuantes na UFPel e em instituições parceiras.

Um dos espaços-tempo deflagradores do projeto *Lições da terra e da água* foi a experiência de estar nesse lugar extraordinário, composto por ecossistemas delicados e em iminente risco, como a grande maioria das reservas ecológicas brasileiras (imagem 1).

Outro espaço-tempo de diálogo, ainda anterior à referida experiência, foi o *Encuentro Internacional HerbArt: Arte y ciencia en confluencia,* um projeto de colaboração entre artistas e cientistas procedentes de diferentes universidades, que ocorreu na Universidade de Barcelona em 2019 sob coordenação de Eva Figueras Ferrer.

Esse projeto foi proposto no sentido de investigadores em botânica e artistas se reunirem para compartilhar processos, identificar territórios interdisciplinares de colaboração e encontrar confluências entre a criação artística, a genética e a evolução das plantas, partindo do herbário como arquivo compartilhado. Assim, ao longo de uma semana de trabalho, compartimos nossos projetos, assistimos conferências, realizamos visitas a museus, a acervos artísticos e a herbários, como ao Instituto Botânico de Barcelona e ao Centro de Documentação de Biodiversidade Vegetal da Universidade de Barcelona. Também realizamos uma saída de campo ao Jardim Botânico Histórico de Barcelona (imagem 2).

Ao final do evento, partindo de conversações coletivas, definimos linhas possíveis de discussão para a segunda fase do projeto, orientada à elaboração de produções artísticas e reflexivas instigadas pelo encontro em Barcelona. Estabelecemos inicialmente um núcleo composto pelos conceitos: **tempo**, **ecologia**, **equilíbrio** e **cultivar**. Ao redor desse centro, estendem-se os eixos:

- Eixo 1: Diversidade, singularidade e homogeneidade;
- Eixo 2: Fragilidade, fortaleza, proteção / Destruição, extinção, invasão;
- Eixo 3: Contemplação, descanso, prazer, bem-estar e rituais.

Assim, foi mergulhada nas singulares experiências de deslocamento pelos espaços mencionados e considerando esses eixos de investigação, que coloquei em movimento o projeto *Lições da terra e da água*.

Imagem 1: Márcia Sousa,
Estação Ecológica do Taim,
Rio Grande do Sul, 2019.
Fonte: acervo da artista.





Imagem 2: Márcia Sousa,
Jardim Botânico Histórico de
Barcelona, Espanha, 2019.
Fonte: acervo da artista.

CORPO DE PESQUISA E NOVOS MODOS DE ATUAÇÃO ECO-ARTÍSTICO-SOCIAIS

A fase inicial do projeto se constituiu de uma ampla pesquisa acerca da situação de cinco biomas brasileiros, os quais habitei em diferentes momentos de vida: Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Por conseguinte, meu projeto também nasceu da indignação.[4]

Diante da violenta investida neoliberal que se impõe no Brasil atualmente, do enfraquecimento do Ministério do Meio Ambiente e de órgãos a ele coligados, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); de graves crimes de ecocídio e da omissão dos governantes frente ao colapso ambiental iminente, tenho me perguntado: como nós artistas devemos atuar? Como podemos tornar nossas ações mais efetivas em termos sociais e ambientais?

Assistimos estarrecidos à devastação pelo fogo de milhares de hectares de Floresta Amazônica. Mas antes disso a floresta já sofria. A floresta sofre há décadas com o avanço da fronteira agrícola, com os avanços dos garimpos ilegais e de todo tipo de atividade extrativista de grandes dimensões. Ainda no contexto amazônico, terras indígenas demarcadas estão seriamente ameaçadas e suas lideranças estão sendo assassinadas. Os povos ancestrais são definitivamente os guardiões da floresta! Por proteger esse chão, são atacados e vilipendiados há séculos no Brasil, no Equador, na Bolívia, no Peru, na Colômbia, em todos os lugares...

Têm ocorrido incêndios de grandes proporções em áreas de preservação ambiental desde 1º de janeiro de 2019. Um exemplo terrível ocorreu no ano de 2020: cerca de 2 milhões de hectares do bioma pantaneiro incendiaram.

Reservas ecológicas estão sendo entregues à iniciativa privada ou a representantes do agronegócio, como o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, que atravessa os municípios de Mostardas e Tavares, entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, no Rio Grande do Sul, considerado um refúgio para dezenas de espécies de aves migratórios que se deslocam do hemisfério norte em direção ao sul.

4 Uma síntese da fase inicial de pesquisa e as primeiras reflexões relativas ao projeto foram apresentadas na Ciranda de Pesquisas do I Seminário e II Encontro Arte e Natureza em 7 de novembro de 2019, em Pelotas, sob o título *Arte e ecologia em terra arrasada*. Parte desta apresentação foi transcrita neste texto. Uma seção desta pesquisa também foi apresentada ao público na abertura da exposição *Cultivar*, ocorrida em 5 de março de 2020 na Casa das Artes Villa Mimosa, em Canoas, no Rio Grande do Sul. O título deste texto provém desta conversa pública.

Em Minas Gerais rios são assassinados devido a rompimentos de barragens de dejetos advindos da mineração, enquanto o norte do estado está em processo de desertificação em razão da retirada da vegetação nativa e do plantio de eucaliptos, que desidratam o solo e esgotam bacias hidrográficas.

Vemo-nos abismados com a notícia de que em 2019 mais de 2 mil quilômetros do litoral brasileiro foram contaminados por toneladas de petróleo cru cuja procedência é desconhecida. Somos capazes de dimensionar a destruição da biodiversidade nessas terras arrasadas? Como valoramos a água que se torna contaminada?

Em todas essas situações recebemos dos atuais governantes brasileiros silêncio, descaso, negligência. Frente a esse cenário desolador, como o meu (o nosso) trabalho artístico pode prosseguir? De que forma devemos conduzir nosso projeto ético-estético? Como entrelaçar a vida na qual acreditamos com nossas práticas artísticas?

Penso no conceito que o sociólogo Michael Löwy manifestou no Seminário Internacional *Democracia em colapso?* ocorrido em São Paulo em 2019: o **engajamento ecossocialista**. Em um momento de crise global do capitalismo, acredito ser essencial pensarmos outras formas de organização social e novos modos de atuação eco-artístico-sociais. É nesse sentido que aponta Felix Guattari em *As três ecologias* (2012) ao propor o conceito de **ecosofia**, que seria uma articulação entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.

AS LIÇÕES DA TERRA E DA ÁGUA

Assim, compreendendo de forma mais contundente que nossos projetos artísticos devam ser atravessados pela ética, pautados pela preocupação ambiental e pelo desejo de conscientização e transformação social, *Lições da terra e da água* é um projeto poético e político que se orienta nessa direção.

Junto à coleta de informações acerca dos biomas brasileiros, passei a mapear as reservas ecológicas localizadas entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul - meus espaços de trânsito - que me parecem estar ameaçadas por atos governamentais ou práticas criminosas. Dentre elas,

no Rio Grande do Sul: o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, a Estação Ecológica do Taim, o Parque Nacional Aparatos da Serra, o Parque Nacional da Serra Geral e o Parque Estadual Delta do Jacuí. Em Santa Catarina: o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o Parque Estadual do Rio Vermelho e a Estação Ecológica de Carijós.

Ao dar corpo a essa pesquisa dentro da investigação maior, compreendi que tornava-se premente viver esses lugares, percorrer seus caminhos, reconhecer suas paisagens e as espécies que os habitam, pois estão em iminente risco de degradação ou mesmo de desaparição. Ponderei que experienciando esses lugares poderia de algum modo dar voz a eles, torná-los mais visíveis, buscando assim operar transformações na minha percepção e na das pessoas que tomariam contato com o projeto. Descobrir, revelar, evidenciar, transformar percepções para proteger e conservar esses espaços tão sensíveis e essenciais à vida.

Assim, realizei o primeiro segmento do projeto entre janeiro e março de 2020 em colaboração com Alecxandro Nascimento[5] no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina, unidade de conservação de proteção integral criada em 1975. De acordo com o Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (s.d.),

> (...) o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro possui uma ampla diversidade de habitats. Cinco das seis grandes formações vegetais do Bioma Mata Atlântica encontradas no Estado estão representados no Parque. (...) No litoral, sob forte influência marítima, são encontradas as formações de restinga e manguezal. A Floresta Ombrófila Densa, riquíssima em plantas epífitas, cobre as serras e ocupa a maior parte da área do Parque. Nas encostas superiores da serra, envolta em neblina formada pela condensação da umidade que chega do mar, aparece a matinha nebular. Nas partes mais altas do Parque se faz presente a Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucárias) e os campos de altitudes. Cada ecossistema tem sua fauna e flora características, assim como suas espécies dominantes. As ilhas costeiras que fazem parte da unidade também apresentam suas singularidades.

5 Fotógrafo e artista gráfico, graduado em Gravura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Essa importante unidade de conservação teve mais de mil hectares de seu território incendiados em 2019. Enquanto eu realizava a pesquisa preliminar sobre essa reserva, entre setembro de 2019 e janeiro de 2020, o Parque sofreu cerca de 15 incêndios consecutivos. Quando me preparava para visitar o Parque, outro incêndio atingiu a unidade de conservação, em 15 de janeiro de 2020.

A primeira saída de campo que realizamos ao Parque se deu em 2 de fevereiro de 2020. Eu guardava muitas expectativas para conhecer essa unidade de conservação, por sua proximidade com a cidade que habitei e habito, por estar em risco imediato e porque poderia rapidamente deixar de existir. Posteriormente percebi que não, que uma reserva dessas dimensões não será extinta sem a resistência de ambientalistas e comunidades de seu entorno. Entretanto, entendi que a área do Parque localizada à esquerda da BR-101 no sentido sul, sim, está claramente ameaçada, por sua proximidade com o litoral.

De início planejávamos caminhar pelo Parque e observar os territórios incendiados, mas não tivemos acesso àqueles recentemente queimados. Pudemos percorrer uma extensão de trilha que levava a uma região que sofreu com os incêndios de setembro e outubro de 2019. Adentrar esse lugar foi extraordinário! Podíamos ver o solo queimado, sentir o sofrimento da flora e da fauna. Entretanto, percebemos surpresos e emocionados que a vegetação já se regenerava em meio às cinzas. Resiliência... A força da vida!

Nesse deslocamento realizamos anotações, registros fotográficos, sonoros e em vídeo, um acervo experiencial que foi se somando a inscrições coletadas em retornos sucessivos ao lugar. Esse arquivo constituiu-se também por imagens, mapas, reportagens, cartas públicas e outros documentos relacionados ao Parque.

A segunda saída de campo foi realizada após uma semana de intensas chuvas nas regiões abrangidas pelo Parque. Esse foi outro momento extraordinário, pois o lugar estava completamente diferente: os rios cheios e barulhentos, a fauna sonoramente muito ativa, a flora intensa e verdejante!



Imagem 3: Márcia Sousa, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Santa Catarina, 2 de fevereiro de 2020. Fonte: acervo da artista.



Imagem 4: Márcia Sousa e Alecxandro Nascimento, Lições da terra e da água: resiliência, 2020. Fotografia: Alecxandro Nascimento. Fonte: acervo dos autores

MODOS DE APRESENTAÇÃO E CIRCULAÇÃO

Esse acervo fluido deu origem a uma série de vídeos denominada *Lições da terra e da água: silêncio* e a uma publicação artística intitulada *Lições da terra e da água: resiliência* (Editora Desvios Gráficos, 2020). Os trabalhos evidenciam os distintos momentos de encontro e convívio com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (imagem 4).

Tais trabalhos serão apresentados na Espanha em projeto expositivo delineado colaborativamente no *Encuentro Internacional HerbArt: Arte y ciencia en confluencia*, mencionado acima, e em processo de organização por Eva Figuerras Ferrer e Mar Redondo i Arolas, artistas e professoras da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona. Um livro também está sendo organizado pela mesma instituição, com o objetivo de reunir os diálogos alinhavados e os projetos artísticos desenvolvidos desde o encontro em 2019.

Após apresentação em Barcelona, a proposta de circulação pretende que o livro *Lições da terra e da água: resiliência* seja distribuído a acervos de publicações artísticas e disponibilizado na internet para acesso livre. Outras estratégias de expansão do projeto como um todo seguem sendo desenvolvidas, como o diálogo com diversos públicos e instituições.

Por outro lado, o fluxo do projeto poético teve de ser interrompido devido à pandemia do coronavírus, pois absurdamente os parques nacionais e estaduais foram fechados à visitação pública. Entretanto, o movimento de privatização das unidades de conservação segue em ritmo acelerado.

Para concluir esta escrita, assinalo que o projeto *Lições da terra e da água* se constitui de tentativas de reter experiências de vida imersas em terra, água, flora e fauna. Gestos de profundo respeito por esses lugares únicos, que contam com imensa biodiversidade. São desejos de convívio, diálogo e partilha nascidos da indignação e da (ins)urgência.

REFERÊNCIAS

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SANTA CATARINA (Estado). Instituto do Meio Ambiente. *Parque Estadual da Serra do Tabuleiro*. Florianópolis, s.d. Disponível em: <www.ima.sc.gov.br/index.php/biodiversidade/unidades-de-conservacao/parque-estadual-da-serra-do-tabuleiro>. Acesso em 1º fev. 2020.

SESC São Paulo. *Seminário Internacional Democracia em colapso?* Disponível em: <https://democraciaemcolapso.wordpress.com/>. Acesso em 20 out. 2019.

SOUSA, Márcia Regina P.; NASCIMENTO, Alecxandro. *Lições da terra e da água*: resiliência. Florianópolis: Editora Desvios Gráficos, 2020.

CAKE:
UMA PERFORMANCE SOBRE VIAGENS E CAMINHADAS EM TERRENOS AMOLECIDOS

Carina Weidle

Cake foi uma performance que acompanhou uma exposição intitulada *Slicing House*. Essa exposição aconteceu graças ao convite de uma colega de longa data, nos tempos do mestrado no Goldsmiths' College, Anne Hundhausen, que coordenava em 2013 – ano em que eu estava em Bath fazendo um doutorado-sanduíche – um espaço cultural, o Kornhäuschen, em conjunto com Doris Kroth, na cidade de Aschaffenburg.

Foi um trabalho feito em conexão com colegas próximas e distantes, e outros que conheci naquele momento. Interações dividindo processo e autoria. Dentro de minha trajetória artística, trata-se um trabalho singular. Desde o seu princípio (e essa foi a parte mais importante), pareceu reverberar essa característica afeita ao partilhamento. Aceitar o trânsito, incorporar o que seria transtorno e acaso, foi o veículo que amalgamou os trabalhos visuais expostos ali e a performance, dialogando com o espaço do Kornhäuschen.

A imagem fotográfica que serviu de cartaz à exposição *Slicing House* foi o ponto de partida para a elaboração da performance *Cake*. A foto foi tirada no atelier de escultura da BSU (Bath Spa University), registrando a fatura em alginato de um molde do meu pé direito, ao mesmo tempo que da orelha direita. O molde do pé foi um pedido de uma colega, Claire Tigoglu, que, ao ver meus sapatos, me perguntou o número. Como era o mesmo dela, pediu o meu pé como modelo para um molde. Claire havia perdido dois anos antes sua perna direita inteira num acidente automobilístico e desenvolvia trabalhos em relação a isso.



Imagem 1: Fotografia feita por Claire Tigoglu no atelier de escultura da BSU e alterada por mim obliterando a face. Fonte: Carina Weidle, 2013.

O espaço do Kornhäuschen era composto por duas pequenas galerias envidraçadas e um amplo espaço central aberto dividido por colunas. Esse espaço faz parte do conjunto arquitetônico do castelo do bispado de Aschaffenburg, ligado a ele por uma alameda. O castelo, construído entre 1605 e 1614, abriga extensa coleção de réplicas de arquitetura greco-romana em cortiça. O Kornhäuschen foi construído bem depois, em 1805, para abrigar colheitas de cereais.

Confluiu para a concepção da performance a situação de viajante, na qual eu já me encontrava estando na Inglaterra, e que então se acentuou com o meu deslocamento rumo à Alemanha para a exposição. Viajei a Aschaffenburg por superfície, via trem, navio e carro, acompanhada de meus dois filhos ainda menores e de meu trabalho em caixas e canudos, para montar no espaço expositivo.

Foram, portanto, essas duas situações – a de viajante e a do convívio com alguém que se acidentara – que constituíram o cerne inicial da performance. A exposição Slicing House, que foi constituída basicamente por fotografias e algumas pequenas cerâmicas, procurou estabelecer diálogo com a arquitetura local do Kornhäuschen, espaço bipartido em duas vitrines e pórtico central.



Imagem 2: Espaço Cultural Kornhäuschen, Aschaffenburg, Alemanha.

Eu, porém, nunca havia feito uma performance. A espacialidade do deslocamento de um viajante e a temporalidade de uma ação despertaram em mim interesse após a leitura de um texto de Walter Benjamim (*O caráter destrutivo*[1]), pois ele fala principalmente sobre o testemunho, o que para mim era central numa experiência performática.

> [...] o caráter destrutivo faz seu trabalho, evitando apenas o criativo. Assim como o criador busca para si a solidão, o destruidor deve estar permanentemente rodeado de pessoas, de testemunhas de sua eficiência.
>
> [...] o caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis precisamente porque vê caminhos por toda parte. Onde os outros esbarram em montanhas, também aí ele vê um caminho. Já que o vê por toda parte, tem de desobstruí-lo também por toda parte. Nem sempre com brutalidade, às vezes com refinamento. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas. O caráter destrutivo não vive do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, mas que o suicídio não vale a pena. (BENJAMIN, 1997, p. 235-237)



1 BENJAMIN, W. Rua de mão única.

Imagem 3: Registros da performance Cake, por Doris Kroth.

A performance *Cake* não nasceu com este nome. Ela não era sobre forma e fatura de algo, apesar de seus procedimentos indicarem moldagem. Nenhum objeto final era idealizado; o resultado enquanto resíduo poderia ser qualquer um. Foi uma somatória de coincidências que confluíram para seu formato e denominação. Ao final da performance, que durou aproximadamente uma hora e meia, foi-me relatado vque um espectador, olhando para os resquícios da ação, teria dito que aquilo parecia *Mutterkuchen*, ou bolo-mãe numa tradução literal (mas que significa “placenta” em alemão). Essa tradução era muito interessante, pois eu havia usado na ação, para misturar o alginato, um batedor de bolo manual. Coincidentemente, aquele era o domingo de comemoração do dia das mães, com uma procissão passando pela alameda pouco após o início da performance e em direção ao castelo.

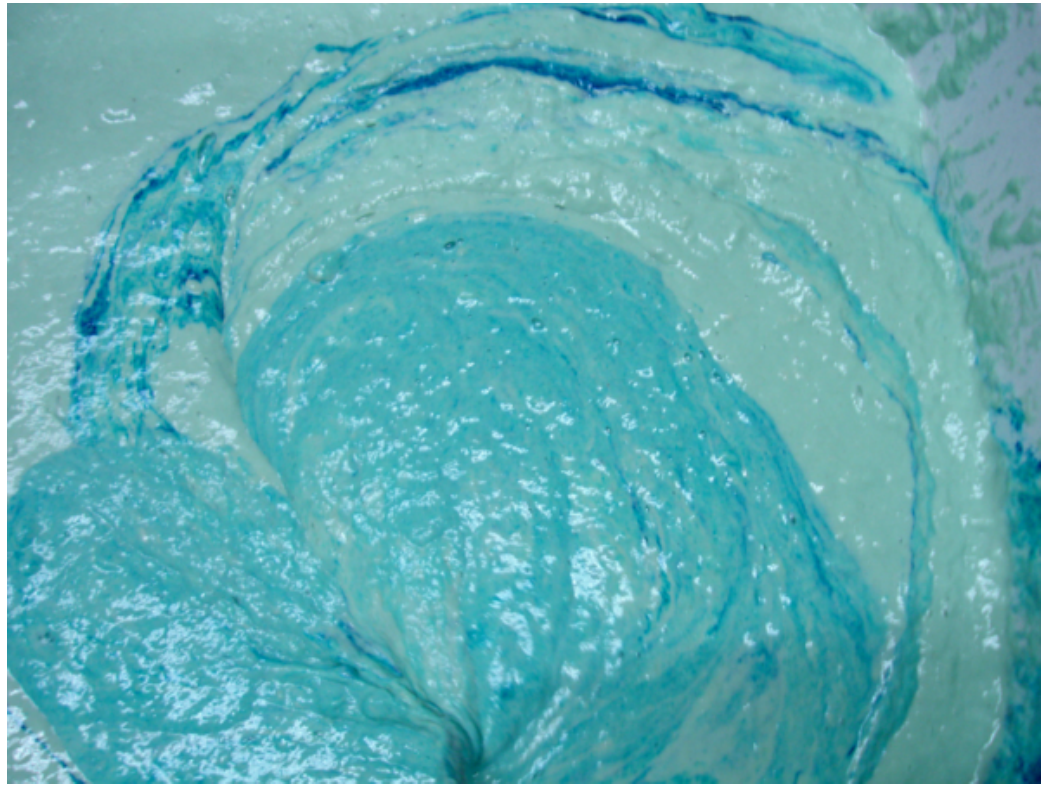


Imagem 4: Massa Azul, fotografia colorida, 2012.

Nas fotografias expostas dentro do espaço expositivo, havia a foto de um bolo cortado, assim como a fotografia de uma massa gigante azul sendo mexida. Uma mão cortada (Imagem 5) fazia também relação com a performance, que envolvia os meus pés, caminhadas e trânsitos. Havia, igualmente, uma foto de um bolo cortado (Imagem 6).

Outra coincidência aconteceu no processo de elaboração da performance. A curadora do espaço era uma amiga de muitos anos, colega de mestrado no Goldsmiths' College: Anne Hundhausen. Escrevi para ela, dizendo que intencionava usar para a performance sardinhas como material, além de gesso, alginato, água, plásticos, uma mala e utensílios de cozinha, como bacias e um batedor de bolo. Não nos víamos havia muito tempo e falei-lhe de um vídeo disponível na Internet, com uma música composta por Otávio Camargo e Chiris Gomes, em que eu aparecia brevemente, e por coincidência a música tinha como título também um peixe: *Manjubinha*. Por um feliz ruído de comunicação, foi entendido que eu precisava da música para a performance. Um coro foi então localmente formado por quatro cantores acompanhados de violão e um violino, e a música foi executada marcando o começo e o fim da performance, precisamente ao tirar os sapatos no início e ao colocá-los de volta ao fim. Durante a performance, foram tocadas músicas do repertório de Alex Bruchlos. Os integrantes do coro para a música *Manjubinha* foram: Nanna Hirsch, Annerose Baumann, Anne Hundhausen, Martin Thomaier, Dirk Harling e Alex Bruchlos.

As sardinhas foram usadas na performance tal como mais comumente as encontramos, ou seja, enlatadas. Foram carregadas para o Kornäuschen no momento da performance: caminhando pela alameda, eu levava em uma das mãos uma mala e na outra, as sardinhas dentro de sacos plásticos com água e ar, como se faz com peixes vivos recém comprados para aquário. A imagem do peixe dentro da performance surgiu graças ao uso de materiais moldáveis, que eram líquidos e se solidificariam, e os peixes foram tomados como possíveis habitantes desse estado intermediário entre o líquido e o sólido; a princípio, seriam incorporados como fósseis dentro do gesso. Essa possibilidade, porém, acabou não se concretizando; apenas usei a água dos sacos plásticos, deixando as latas de sardinha intactas.





Imagem 5: Mão cortada, 2009.

Imagem 6: Bolo, fotografia colorida, 2009.

O uso da imagem de animais mais prosaicos, como é o caso das sardinhas em relação a outros peixes mais nobres, é algo que ecoa também em *Slicing House*, no trabalho da série *Soap Bulbs*, com a imagem de uma mosca. Olhando mais retrospectivamente, outros trabalhos fotográficos que envolveram animais mortos também aludiam a essa natureza menos nobre; no caso, um com as galinhas e outro com rãs.

As ações foram intercaladas regularmente com cerca de dois minutos de inação meditativa, conferindo um ritmo mais alargado ao todo.

Observo que a fragmentação da ação em performance é também forte elemento no trabalho de Adriana Tabalipa, que eu havia visto meses antes, em *Sonhopicnic*.

Tive, no mês de abril de 2013, um contato maior com performance em um simpósio sobre o tema na Galeria Arnolfini em Bristol, em que Hugo Fortes e Sissi Fonseca fizeram uma apresentação. Um dos elementos formais que percebi estruturantes para várias performances foi precisamente o par *ritmo* e *repetição*. Logo na abertura do simpósio, foi objeto de uma das conferências o filme *Un ballo in maschera*, de 2004, de Yinka Shonibare. No filme, é apresentado, através da dança, o assassinato do Rei Gustav II da Suécia em 1792. A ação se repete retroativamente como se o filme estivesse sendo exibido mecanicamente ao contrário; no entanto, eram os atores que estavam executando os movimentos ao contrário.

Similarmente, a performance *Cake* foi executada de forma rítmica, num exercício de colagem dos diversos elementos e coincidências encontradas em sua elaboração.

Na exposição *Slicing House*, dentro dos espaços, foram instaladas nas vitrines fotografias e cerâmicas. Dentre estas, Bolo e Massa Azul. Essas fotos tiveram reverberação com a performance *Cake* por serem imagens que trazem um aspecto amorfo, uma falta de contenção e uma consistência de matéria entre o líquido e o pastoso. Também havia uma foto de uma esculturaque fiz de uma mão, em contraposição com os pés, colocados na performance. As cerâmicas, com bulbos de lâmpadas nos

quais foram impressos imagens de desenho de moscas, faziam relação com as sardinhas, ambos animais prosaicos, estabelecidos como não tão nobres dentre todos os seres. As lâmpadas amolecidas, procuraram trazer um eco com as ações da performance, no sentido de produzir representações de amolecimentos. Neste sentido, a exposição nas vitrines do Kornhäusechen fez contraponto e comentário da performance *Cake*.

ROTEIRO PARA A PERFORMANCE *CAKE*

Aschaffenburg, Kornhäuschen, em 12 de maio de 2013.

1. Caminhar através da avenida.
2. Sentar.
3. Descansar, com a mão na valise.
4. Tirar os sapatos (coro: música *Manjubinha*).
5. Descansar.
6. Abrir a valise.
7. Descansar.
8. Pegar um saco plástico e pôr o pé dentro dele.
9. Abrir o saco com alginato, misturar com água e jogar dentro do saco plástico.
10. Descansar.
11. Tirar o outro sapato.
12. Pegar outro saco plástico e colocar o outro pé dentro.
13. Descansar.

14. Abrir outro saco de alginato, misturar com água e jogar dentro do saco plástico.
15. Descansar.
16. Levantar e caminhar, segurando os sacos de água e as latas de sardinha.
17. Descansar.
18. Com uma tesoura, abrir os sacos que foram preenchidos com alginato e cortá-los em pedaços.
19. Descansar.
20. Tirar um dos pés do alginato.
21. Descansar.
22. Pegar outro saco plástico da valise.
23. Descansar.
24. Abrir um dos sacos com água e sardinhas e colocar a água dentro do saco plástico.
25. Descansar.
26. Colocar mais água, gesso e misturar.
27. Descansar.
28. Misturar.
29. Descansar.
30. Misturar.
31. Tirar o outro pé do alginato.

32. Descansar.
33. Abrir o outro saco com água e sardinhas e colocar a água dentro do saco plástico.
34. Descansar.
35. Colocar mais água, gesso e misturar.
36. Descansar.
37. Misturar.
38. Descansar.
39. Misturar.
40. Descansar.
41. Calçar os dois sapatos novamente (coro: música *Manjubinha*).
42. Pegar a valise e caminhar através da avenida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Rua de mão única* . São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.

PERFORMING ARTS. Seminário na Bristol University, Faculty of Arts and Research, 12-14 abr. 2013.

UN BALLO in maschera. Maker: Yinka Shonibare. 2004. Medium: high definition digital video (32 min.).

TABALIPA, A. *Performance Sonhopicnic*, para a exposição The End of the Factory Project, na Caixa Cultural, 2012.

E TUDO SE MOVE:

SOBRE CAKE, DE CARINA WEIDLE

Daniela Vicentini

Numa viagem que fiz de carro de São Paulo a Curitiba, dirigindo sozinha, voltando depois de acompanhar um pouco da montagem do trabalho de Carina Weidle para a Bienal de São Paulo de 2002, observei aquela paisagem desolada dos arredores da metrópole, e ainda lembro aquele instante em que me dei conta ou abri subitamente os olhos e vi o absurdo da matéria de tudo o que ali estava.

Por que o mundo é o que é e não outra coisa? Essa foi mais ou menos a frase que encontrei depois lendo o texto de um filósofo (Merleau-Ponty) e que resumia o sentimento que me acometeu naquele momento.

Claro, não me embrenhei naquela paisagem, não adentrei seu labirinto. Observei à distância, e uma certa coincidência com as inquietudes que existiam dentro de mim encontrou na cena a materialização de um sentimento. Por que construímos casas de um modo determinado? Por que configuramos de tal maneira as nossas cidades e vidas? Como habitamos e fazemos espaço?

Em nosso grupo de estudos, *Articulações poéticas*, organizamos o simpósio *Escritas de si*, durante o qual Carina Weidle apresentou, na mesa-redonda *Das caminhadas e das escritas*, a performance *Cake*, feita durante seu período de estágio de doutoramento na Inglaterra, numa travessia que a levou de uma cidade do interior da ilha da Grã-Bretanha, Bath, à cidade de Aschaffenburg, na Alemanha.

Em nossos estudos, valorizamos o ato de caminhar como prática estética para aludir ao título do livro de Francesco Careri, que nos fornece subsídios históricos, míticos e artísticos a fim de entender a caminhada como forma de conhecimento do mundo e de ação que transforma o espaço em lugar. A caminhada *Stalker* pela qual Careri é conhecido – devido às perambulações erráticas atravessando os arredores de Roma e às práticas pedagógicas peripatéticas – tem como motivo central algo que Tarkovsky colocou em seu filme *Stalker* a respeito da Zona:

> A Zona é, talvez, um sistema muito complexo de armadilhas...
>
> Não sei o que acontece aqui quando não há ninguém,
>
> Mas, mal chega alguém, tudo começa a se mexer,
>
> A Zona é justamente como nós a criamos, como nosso estado de espírito.
>
> Não sei o que acontece, não depende da Zona,
>
> Depende de nós.
>
> (TARKOVSKY, 1979 *apud* CARERI, 2017, p. 13).

Interessa-me essa imagem de um espaço em que tudo começa a se mexer com base na presença do sujeito que o adentra e, mais ainda, pelo seu estado de espírito que o cria de fato – essa imagem em que depende da interioridade de um sujeito a criação do lugar.

Assim, a ideia do caminhar como forma de conhecimento implica a atenção plena, uma vigilância do caminho que se abre para a possibilidade de encontros e surpresas. É acolher o desconhecido que surge quando o sujeito sabe que adentrou a zona ou quando se dá conta de que a zona é todo lugar.

Carina Weidle é essencialmente escultora: debruça-se sobre o comportamento de materiais, pesquisa queimas de argilas e esmaltes cerâmicos, vidros; experimenta altas temperaturas, coloca lâmpadas para derreter dentro do forno. Algumas das experimentações ou dos processos de pesquisa permanecem apenas enquanto fotografias – massas de modelar, de pão, perecíveis, entre outras.

O corpo escultórico de seu trabalho é mole ou tem uma certa aparência de resíduos, fragmentos de matéria sem forma. Ele procura alçar-se sobre o peso, o inacabado, o indefinido; sofre por deslizamentos, derramamentos, colisões, derrapadas – operações que frustram expectativas

como numa das acepções do termo *informal* de Bataille, discutido por Yves Alain Bois e Rosalind Krauss. Por isso, o trabalho não é fácil. Traz uma afirmação muito crua de matérias e imagens, propicia desconfortos – e um tanto de humor.

A performance *Cake* inclui muitos acasos: o molde do pé a pedido de uma colega; o conjunto musical alemão que canta em coro, com sotaque e ginga, o samba *Manjubinha*; o plástico com alginato e água que explode e derrama o material, a inusitada procissão pelo dia das mães na pequena cidade, a aparência de placenta dos resíduos da performance no olhar de um expectador e o jogo de palavras entre bolo e mãe na língua alemã.

O que existe antes da performance é apenas um roteiro de procedimentos aparentemente corriqueiros: caminhar, sentar, descansar, abrir a mala, tirar o sapato, colocar o pé dentro do plástico, misturar, descansar, cortar o plástico e caminhar na avenida.

Todo o tempero é dado pelos acontecimentos do percurso. E isso não só por ser uma performance: tenho a impressão de que a prática escultórica de Carina ocorre por acontecimentos ou acidentes que vão se transformando em obra.

O inacabado, os resíduos, a obra mole e o desapontamento de expectativas afirmam que a caminhada não é fácil, mas pode ser divertida. Por sorte, num dia frio, dia de procissão em homenagem às mães, enquanto pés se lambuzam numa matéria viscosa, pessoas caminham amorosamente, outras entoam um samba – e a zona se move.

REFERÊNCIAS

BOIS, Yves; KRAUSS, Rosalind. *Formless:* A User's Guide. Cambridge: Mit Press, 1999.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

WEIDLE, Carina Maria. *Des Astres* com: a máquina de escrever, a guilhotina e os fósforos. 2014. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Departamento de Artes Visuais, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEIXINHO

Daniela Vicentini

Saí para dar uma volta na praia. Estava pensando sobre uma meditação que conta que as forças espirituais de peixes configuraram os pés humanos e relaciona o evento com o nosso andar ereto e com nossa liberdade. Pensando nisso, sentei numa pedra. Entre o lugar em que fiquei e o mar tinha rochas, algas e, bem perto de mim, uma poça de água. De repente, um peixinho sai de baixo da pedra e vem nadar perto dos meus pés. achei coincidência eu estar pensando em peixes, pés, liberdade, o caminhar da vida. Fiquei olhando o peixe nadar até os meus pés, mexer a cabeça, achei até que veio conversar comigo que me via. Observei o peixe, sua movimentação, o lugar e meus pensamentos. Será que ele estaria preso nessa porção de água? Será que poderia sair se quisesse quando a maré enchesse? Quando vi tinha outro peixinho, igual, transparente. Meu amigo tinha companhia, abrigo sob a rocha, algas para comer. Estava tudo bem. O aquário natural era perfeito. Mas existe o grande mar. Um caminho até ele, com algas, pedras - um percurso um tanto Íngreme - que seria preciso subir, como que escalar. Ele estava confortável em seu canto em que tudo parecia ir bem? Ignorava o grande mar? Sobreviveria? No outro dia, voltei ao local para fazer um desenho. O peixinho continuava lá. A primeira aquarela não deu muito certo, consegui fazer um pequeno esboço, com o intuito de ter um registro e observar mais. No outro dia, desconfiada do meu registro, peguei o celular para fotografar o peixe em seu entorno. Ele não estava mais lá. Não sei se nadou até o mar, se o mar veio buscá-lo com a alta da maré (a poça agora se comunicava com o mar), se estava escondido sob a rocha, se está vivo. De algum jeito, a conversa que tive com o peixinho falava de coisas que me diziam respeito - talvez sempre tenha um aquário e o mar.



Daniela Vicentini

Peixinho, 2019.

Aquarela sobre papel manteiga
29,7x 42 cm e aquarela sobre
papel pólen 21 x 14,8 cm.

Ana Sabiá

Artista visual e pesquisadora independente. Doutora em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Membro do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (CNPq/UDESC) e do Coletivo 7 Mulheres. Participa ativamente da cena artística brasileira em exposições, mostras e festivais de fotografia, incluindo seleções, convites e premiações. Atualmente, desenvolve pesquisas a partir do corpo, surrealismo e auto-representação como estratégia de problematização crítica de temáticas que perpassam feminismos, identidades e auto-biografia.

Anna Moraes

Artista visual, doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC (2020-) mestra em Teoria e História da Arte no PPGAV-CEART-UDESC (2017-19), pós-graduada em Gestão Cultural pelo Senac/SP (2016), graduada em Bacharelado em Artes Visuais pela UDESC (2013). Vive e trabalha em Florianópolis/SC. Pesquisa diferentes entendimentos acerca do desenho contemporâneo, a relação com a paisagem, a noção de espaço e território. Recebeu Prêmio do Júri no Salão Nacional da Quarentena 2020; foi selecionada no miniedital Arte como Respiro do Itaú Cultural 2020; finalista do Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea/SC 2019; participou da Bienal Internacional de Curitiba e foi selecionada em editais como Arte Londrina 8 e Salão de Navegantes. Participa do Nacasa coletivo artístico,

situado em Florianópolis, na gestão e curadoria da Galeria Nacasa. Também realiza trabalhos de curadoria, selecionados em editais em Santa Catarina. Desde 2013 ministra o curso "Desenho Artístico" em seu ateliê.

Aline Motta

Bacharel em Comunicação Social pela UFRJ e pós-graduada em Cinema pela The New School University (NY). Combina diferentes técnicas e práticas artísticas, mesclando fotografia, vídeo, instalação, performance, arte sonora, colagem, impressos e materiais têxteis. Sua investigação busca revelar outras corporalidades, criar sentido, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência. Foi contemplada com o Programa Rumos Itaú Cultural 2015/2016, com a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles 2018 e com 7º Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça 2019. Recentemente participou de exposições importantes como "Histórias Feministas, artistas depois de 2000" - MASP, "Histórias Afro-Atlânticas" - MASP/Tomie Ohtake e "O Rio dos Navegantes" - Museu de Arte do Rio/MAR.

Bárbara Paul

Bárbara Paul é uma artista visual, pesquisadora e educadora graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente mestranda do programa de pós gradução em artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Participa de exposições, publicações e residências artísticas em diversos estados do Brasil, Europa e Estados Unidos e sua produção atualmente investiga as relações familiares, as dificuldades de convivência e as memórias de infância e adolescência por meio do desenho, instalação, objetos de arte, fotografia, desenho e qualquer linguagem que servir para materializar suas narrativas.

Be Leite

Bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, UNB. Concentra os estudos em pintura, gravura, desenho e cinema; a colagem é o que guia

o processo criativo, abordando temas como a violência, o conflito, o cotidiano, o amor, questionamentos sobre gênero e sexualidade e a força da família lgbtqia+. A música aparece nos trabalhos como trilha de imagens metafóricas da ficção, as séries de pintura podem levar nomes de filme, album de música, blog, meme de reality show de drag queen do Ceará, são pensados links entre o texto das composições e as imagens apropriadas do mundo pop. Foi indicada ao prêmio PIPA 2019 e 2020.

Bianca Tomaselli

Doutoranda em Literatura pela UFSC com estância de pesquisa na Faculdad de Filosofía y Letras da Universidad de Granada, Espanha, financiada pela Fundación Carolina (2019). Mestra em Linguagens Visuais pela UFRJ (2011), graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC (2008) com estágio no Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (2006-2008) e em Artes Plásticas pela UDESC (2004). Artista e pesquisadora de artes visuais, arquitetura, urbanismo, cinema e literatura, participou de exposições individuais e coletivas de arte contemporânea no Brasil e no exterior. Foi professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado do Departamento de Artes Visuais da UDESC (2014-2018) e na Pós Graduação em Poéticas Visuais da UNESC (2018).

Bruna Ribeiro

Mestranda bolsista FAPESC em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina / PPGAV-UDESC (2019-Atual), sob orientação da Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo. Acadêmica da especialização em Poéticas Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2017-Atual) e graduação em Artes Visuais (Bacharelado) pela mesma instituição. Atualmente participa do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq), coordenado por Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo e Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero e o GPA – Grupo de Pesquisa em Arte (UNESC/CNPq), coordenado por Aurélia Regina de Souza Honorato.

Carina Castro Pedro

Carina Castro é fotógrafa e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Seus trabalhos são voltados aos movimentos populares de luta pela moradia, movimentos feministas e movimentos LGBTQIA+. Atualmente é uma das coordenadoras do Clube Lesbos de Belo Horizonte. Faz parte dos grupos de pesquisa Indisciplinar (CNPq/UFMG), GUARÁ – Grupo de Pesquisas Descoloniais em Arte Contemporânea (CNPq/UDESC) e do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos (UFMG).

Carina Maria Weidle

Docente e Pesquisadora, doutora em Artes pela Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes, em Poéticas Visuais (2014). Possui mestrado em Master of Arts - Goldsmiths College - University of London (1992), e graduação em Superior de Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1988). Atualmente é Professora da Escola de Música e Belas Artes do Paraná nas disciplinas de Escultura, Cerâmica e Desenho. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Escultura, atuando principalmente com escultura, cerâmica, instalação, fotografia e desenho.

Carlos Eduardo Ferreira Paula (Carlos Ferro)

Mestrando em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2020 – atual). Graduado em licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG (2020). Pesquisa a relação contínua entre corpo e matéria, no qual o gesto como um meio, atua como uma ação corporal incisiva e também como um acontecimento.

Carol Garlet

Arte Educadora e pesquisadora nas áreas de Artes Visuais e Dança, tendo o corpo como centralidade em suas pesquisas. Mestre em Antropologia

Social (UFSC) e cursando Licenciatura em Artes Visuais (UDESC). Participa do Guará - Grupo de Pesquisas Decoloniais em Arte Contemporânea (UDESC).

Carina Castro

Fotógrafa e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Seus trabalhos são voltados aos movimentos populares de luta pela moradia, movimentos feministas e movimentos LGBTQIA+. Atualmente é uma das coordenadoras do Clube Lesbos de Belo Horizonte. Faz parte dos grupos de pesquisa Indisciplinar (CNPq/UFMG), GUARÁ – Grupo de Pesquisas Descoloniais em Arte Contemporânea (CNPq/UDESC) e do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcellos (UFMG).

Daniela Vicentini

Doutoranda na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos da UDESC. Formou-se em bacharelado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1995); fez mestrado em História Social da Cultura, na PUC-Rio, em 2000. De 2001 a 2005, lecionou na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e na UniBrasil, em Curitiba. Em 2006, foi uma das vencedoras do prêmio editorial Iberê Camargo, publicou “Tríptico à Iberê” (Cosac Naify, 2010), em coautoria com Fernando Burjato, “Arte brasileira nos acervos de Curitiba” (Segesta, 2010), Presença de Alice, sobre a obra de Alice Yamamura (2016). Em 2014, realizou a exposição individual, Mar, no Centro Cultural Badesc, em Florianópolis; e, em 2015, Vai vem ver, no Museu da Gravura, em Curitiba. Em 2009 e 2010, realizou o Treinamento em Goetheanismo, de 2014 a 2019, a formação em Terapia Artística Antroposófica, ambos na Associação Sagres, Florianópolis. Atualmente, participa do Grupo de Pesquisa “Articulações Poéticas”, coordenado pelas professoras Dra. Sandra Favero e Dra. Silvana Barbosa Macêdo, investiga conceitos de natureza e paisagem e realiza obras em caminhadas, processos colaborativos, aquarela e escrita.

Danillo Villa

Doutor em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2012), mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (2003) e graduado em Educação Artística pela mesma instituição (1994). É professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina, das disciplinas de Desenho e Pintura. Atua como chefe da Divisão de Artes Plásticas da Casa de Cultura da UEL - desde 2011. É coordenador e orientador do projeto - Ateliê Permanente -, organizado na Divisão de Artes Plásticas desde 2011.

Débora Caroline Viana Almeida – Déba Viana Tacana

Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC/PPGAV, licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Realiza pesquisa no âmbito da formação de professores de artes visuais e relações étnico-raciais. Como artista visual desenvolve pesquisas em processos poéticos por meio da cerâmica em diálogo e aproximação com arte contemporânea memória povos originários do sertão do submédio São Francisco.Experiência com a linguagem cerâmica na atuação junto a educação não-formal com: mulheres encarceradas no sistema prisional, territórios indígenas, quilombolas e camponês.

Débora Pazetto

Professora de História e Teoria da Arte na UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora Colaboradora do Mestrado em Educação Tecnológica no CEFET-MG. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2007) e graduação em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC (2010), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e doutorado em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, na linha de pesquisa de Estética e Filosofia da Arte, com estágio doutoral na Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Principais áreas de atuação: Teoria da Arte; Estética, Filosofia da Arte, Arte e Tecnologia; Estudos de Gênero, Crítica de Arte.

Edson Macalini

Artista Visual. Doutorando em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/PPGAV. Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/PPGAV – 2014. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP/UNESPAR – 2010. Atualmente é professor de desenho do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF/CARTES – Juazeiro/BA. Possui experiências como professor no ensino de artes visuais nas esferas: público e privado, ensino fundamental e médio, programas sociais e espaços de educação não-formal. Como artista visual desenvolve trabalhos em poéticas artísticas com o desenho, gravura, coletas, narrativas, escritos, publicações independentes, livros de artistas, múltiplos, fotografias, instalações, intervenções urbanas e arte disseminativa.

Elenize Dezgeniski

Artista visual, fotógrafa e atriz. Mestranda em Artes Visuais na Linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Bacharel em Interpretação Teatral pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Os principais temas em seus trabalhos são a memória, a palavra, a afetividade e o corpo. Sua obra é apresentada em fotografias, vídeos, instalações, performances, práticas curatoriais, publicações e inserções em discursos/circuitos híbridos. Autora do livro Gesto contínuo (Curitiba, 2019). É integrante do coletivo FUDEU e do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq).

Elisa Vieira Queiroz

Nascida em Florianópolis, SC, com muitos elos afetivos entre Brasil e Itália. Atualmente é mestranda em Artes Visuais na UDESC na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, possui graduação em Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e em Design Gráfico pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Cursou um semestre (2012) de Belas Artes na Accademia Albertina delle Belle Arti di Torino e como bolsista CAPES pelo programa federal Ciências sem Fronteiras cursou um ano de master em Eco-design na universidade Politecnico di Torino (2013-2014), ambas em Turim, Itália. Sua produção explora questões relacionadas ao afeto, à nostalgia, ao paraíso – criando e inventando memórias e lugares de pertencimento.

Gabriel Augusto de Paula Bonfim

Mestrando bolsista CAPES em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina (2019-Atual), sob orientação da Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero. Possui Graduação em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Londrina (2019). Tem experiência na área de Artes Visuais e Educação. Participou do projeto de iniciação à docência: PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2015-2017). Atuou como mediador na Divisão de Artes Plásticas – Casa de Cultura UEL (2017-2018). Atualmente participa do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq), coordenado por Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo e Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero, investigando processos de caminhadas e criação de narrativas. Integra a Equipe Editorial da Revista Palíndromo do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Gerusa Morgana Bloss

Psicóloga. Doutoranda em Psicologia com ênfase em Psicologia Social e Cultura - Estética, Processos de Criação e Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Psicologia pela UFSC (2019). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (2017). Membro do Grupo de Pesquisa: Psicanálise, Processos criativos e Interações Políticas - LAPCIP/UFSC. Bolsista CAPES. Principais interesses em pesquisa: psicanálise; psicanálise em articulação com a arte, com a literatura e com a escrita.

Juliana Crispe

Curadora, Pesquisadora, Professora, Arte-educadora e Artista Visual. Bacharel, Licenciada e Mestre em Artes Visuais pela UDESC. Doutora em Educação pela UFSC. Pós-Doc pelo PPGAV/UDESC. Professora no curso de Artes Visuais no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, membra da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Arte e do Conselho Deliberativo do Museu de Arte de Santa Catarina – MASC. Coordena o Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza (desde 2016 -) em Florianópolis; um coletivo de mulheres com o objetivo de promover arte, cultura, educação, infância, saúde coletiva e empoderamento feminino. Recebeu alguns prêmios, destacando o Prêmio Jovem Curador da 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba (2019) pelas exposições e eventos: Projeto Armazém e Mulher Artista Resiste.

Kássia Borges

Artista visual e professora. Possui Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2017), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Especialização em Filosofia política pela (UFU) e graduação em - Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (1987). Foi professora na Universidade Federal de Uberlândia, na Universidade Federal de Goiás, no Centro Universitário de Caldas Novas (Unicaldas), atuando principalmente nos seguintes temas: origem, fantasma, ato criativo e utopia e nas seguintes áreas: cerâmica, fotografia, desenho, instalação, arte contemporânea, meios mistos, escultura e vídeo. Hoje é professora efetiva nas áreas de bidimensional, tridimensional e arte contemporânea na Universidade Federal do Amazonas.

Leandro Serpa

Tijucas/SC (09/12/1983). É Bacharel em Artes Plásticas pelo Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestre em Ensino das Artes Visuais e Doutorando em Artes Visuais, na linha de Processos Poéticos pelo PPGAV/UDESC. Artista pesquisador do campo gráfico, monotipia e das relações entre jogo e cultura, Leandro investiga atualmente A Presença/Ausência na dimensão expandida da Gravura Contemporânea: Estratégias poéticas de Guerra Hibrida contra a Barbárie, em seu percurso no Doutorado em Artes Visuais.

Letícia Cardoso

Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos UDESC, Florianópolis, desde agosto de 2017, Mestre em Poéticas Visuais no Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre, RS em 2005, Graduada no Curso Bacharelado em Artes Plásticas na UDESC, Florianópolis, SC em 2001. Participa do 32 Panorama da Arte Brasileira no MAM (Museu Arte Moderna) de São Paulo, Recebe Bolsa Iberê Camargo de intercâmbio para artistas em 2009 em Austin parceria com o Blantom Museum of Art em Austin, Universidade do Texas/USA, Prêmio Armando Carrerão de Video FUNCINE Florianópolis 2008, Bolsa Residência de Artista para o SPA das Artes em Recife 2008, Premio Projeto de Intervenção Schawnke, Joinville,SC 2008, Projeto SPA das Artes Recife em 2005, Projeto Trajetória 3, Fundação Joaquim Nabuco em Recife, PE em 2005, Menção Especial no 59º Salão Paranaense, MAC- PR em 2002, Contemplada pelo Projeto Rumos Itaú Cultual Artes Visuais 2001/2003 entre outros eventos e exposições.

Letícia Honorio

Artista visual e pesquisadora, nascida em Santa Maria/RS, atualmente reside em Florianópolis/SC. Mestranda em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduada em Artes Visuais Bacharelado em Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com especialização em Pintura, Fotografia e Gravuras. Participa do Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq), e também do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB/UFSM). Atualmente, sua pesquisa trata do Artivismo e Subjetividades de Mulheres Negras na Arte Contemporânea Latino-Americana. Seus trabalhos permeiam a pintura e fotografia.

Lívia Bittencourt Auler

Mestra em Artes Visuais na linha de História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS), com pesquisa em feminismo e história da arte, concentrando-se especialmente em artistas lésbicas. Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo (2014) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e atualmente cursando Artes Visuais - Bacharelado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além de pesquisadora, é artista visual e já participou de diversas exposições coletivas e uma individual. É uma das fundadoras do coletivo Nítida - fotografia e feminismo, grupo de fotógrafas que pesquisa e discute a presença das mulheres na história da fotografia.

Lorena Galery

Mestranda em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina (2019-Atual), sob orientação da Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo. Possui graduação em artes visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013), com especialização em artes gráficas e fotografia. Atualmente participa do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq), coordenado por Prof. Dra. Silvana Barbosa Macedo e Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero, investigando arte feminista e brasileira. Nascida em Belo Horizonte/MG em 23/05/1988. Mora em Florianópolis SC.

Luanda de Oliveira Rainho Ribeiro

Luanda Olívia, artista visual e mestranda bolsista CAPES em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado

de Santa Catarina (2020–2022), sob orientação de Sandra Maria Correia Favero. Produz narrativas ficcionais com o desenho e a escrita, pesquisando relações entre memória e fabulação. Participou de exposições coletivas e realizou a individual Arqueologia do Impossível (Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vechietti, Florianópolis, 2019).

Luciana Gruppelli Loponte

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística Hab. em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (1990), Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1998) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2005). Atualmente é pesquisadora e professora adjunta do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Ética, alteridade e linguagem na educação. Atua principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, formação de professores, formação estética docente, arte e educação, gênero e artes visuais.

Luiza Reginatto

(Estrela – RS 1988). Mestranda em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em seu trabalho se desdobram relações entre materiais e paisagens reais e imaginárias, pesquisando recursos gráficos, instalação e a relação com o corpo no espaço. Atualmente participa do do Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq).

Natália Borges Polesso

Pesquisadora de pós-doutorado com bolsa CAPES (PNPD), na Universidade de Caxias do Sul. Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de

Pós-Graduação em Letras da PUCRS (2017), com período de doutorado-sanduíche na Sorbonne Université (2015). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade na UCS (2011). Possui graduação em Letras Licenciatura Plena em Português, Inglês e respectivas literaturas, pela UCS (2007). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Ensino de língua Inglesa. É autora dos livros “Recortes para álbum de fotografia sem gente” (2013), vencedor do prêmio Açorianos de Literatura (2013), “Coração a corda” (2015) e “Pé atrás”, e “Amora” (2015), vencedor dos prêmios AGES - livro do ano (2016); Açorianos de Literatura (2016); 1 lugar no Prêmio Jabuti, nas categorias Contos e Escolha do Leitor. Recentemente, publicou “Controle” e “Corpos Secos”, ambos romances. Em 2017, Natalia foi selecionada para a coletânea Bogotá39, que reúne os 39 escritores mais promissores da América Latina com menos de 40 anos.

Márcia Regina Pereira de Sousa

Artista visual, pesquisadora, professora. Doutora em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2016), com estágio de doutoramento sanduíche na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal (FBAUP, 2015); mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2009); graduada em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1998) e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2002). Professora adjunta do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Gravura, Desenho, Fotografia, publicações e livros de artista, pesquisa atualmente Arte e Natureza: proliferações.

Maria Fátima Ribeiro Barbosa

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977), mestrado em Zoologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1982) e doutorado no Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2017).

Atualmente é professora adjunta I de Bioarqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF .

Marta Martins

Possui graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). É professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em artes visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: desenho, teoria da modernidade, literatura, arte contemporânea, fotografia, teoria da imagem e historia e crítica da arte. É ensaísta, narradora de ficção e fotógrafa.

Odete Calderan

Artista Visual-Professora. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC. Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM. Pós-Graduada em Design para Estamparia pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM. Bacharel em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM. É professora do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC. Pesquisa diferentes contornos implicados em práticas artísticas que, convergem pelo viés poético desdobrando-se em contextos da paisagem, linguagem, materialidade e subjetividade; articulado as questões processuais, conceituais, da experiência e a tudo que atravessa.

Patrícia Franca-Huchet

Professora Titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doctorat e Master pela Université de Paris I Panthéon Sorbonne. Master 1 pela Université de Paris VIII. Pós-doutorado pela Université de Paris III, Institut de Recherche sur le Cinéma et l'Audiovisuel (IRCAV) e no Centre de Recherche en Esthétique du Cinéma et des Images (CRECI)

2009. Pós-doutorado pela EHESS: École des Hautes Études en Sciences Sociales/2019. Coordena o grupo de pesquisa BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo. É membro do corpo permanente do PPGArtes da EBA/UFMG desde 1998. Tem publicações em livros e revistas especializadas no Brasil e em outros países. Foi professora convidada da Universitat Politècnica de Valencia durante Estágio Pós-doutoral em 2009. Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: imagem, fotografia, literatura, instalação, pintura, desenho e edição. Sua pesquisa atual envolvendo fotografia e literatura foi mostrada e apresentada em vários países: França (Paris e Mulhouse), Espanha (Madrid e Lálin), Canadá (Montréal), Brasil (Brasília, Florianópolis, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte).

Priscila de Oliveira Pinto Maisel

Priscila Pinto é artista visual, poetisa e professora na Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Possui Licenciatura Plena em Artes Plásticas (2006) e bacharelado em Direito (2000), com mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia (2014) e especialização em Tecnologia Educacional multimídia (2004) pela UFAM. Atua na área de artes visuais, na produção, curadoria, pesquisa e ensino da arte. Trabalha com os temas: processo de criação artística, cultura e história da arte na Amazônia, análise visual e poéticas visuais.

Renata Barreto

Fotógrafa, fotojornalista e artista visual, com atuação voltada para as áreas de cultura e diversidade. É pós graduada em Fotografia e Imagem pela Universidade Cândido Mendes (RJ), sua formação profissional é variada e atua como fotógrafa especializada em retratos, fotografia documental, fotografia de moda, fotografia de espetáculos, cobertura de eventos voltados para sujeitos LGBTQ+. É proprietária da *Gataria*, primeira agência de fotografia voltada para o público LGBTQ+ no Brasil. Em 2017 realizou a exposição *"Minha Família Fora do Armário"*, no Centro Cultural da Justiça Federal (RJ) e em 2020. Em 2020, participou da mostra *Queerentena*, do Museu da Diversidade Sexual (SP) e do projeto Foto Pró Rio.

Rosa María Blanca Cedillo

Docente, Pesquisadora, Curadora e Artista. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Realizou o doutorado sanduíche na Universidad Complutense de Madrid (CAPES/DGU). Possui Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (1999) e Graduação em Ciencias de la Comunicación Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (1989), México. Tem experiência na área de Arte, com ênfase na Metodologia da Pesquisa Inter e Transdisciplinar, atuando em: Teoria da Arte, Arte Contemporânea, Estética, Fotografia, Estudos Queer e E-science. É Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Arte e Subjetividades (LASUB e, Líder do Projeto de Pesquisa Arte en los márgenes: extranjeridades y (des)localizaciones (FIPE/UFSM). Na Universidade Federal de Santa Maria atua como docente do Pro-grama de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), do Departamento de Artes Visuais (DAV), e como Editora Gerente da Contemporânea - Revista do PPGART/UFSM); é Curadora da Exposição Internacional de Arte e Gênero.

Rosana Bortolin

(Brasil, Passo Fundo, 07/13/1964). Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica; e, Especialista em Cerâmica (Latu Sensu) – Universidade de Passo Fundo-RS; Mestre em Poéticas Visuais (Strictu Sensu)- Escola de Comunicação e Artes – ECA /USP; Doutoranda em Investigación y Creación en Arte Contemporâneo, na Universidade do País Vasco-UPV; estágio doutorado europeu FBAUL-Lisboa; Professora no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Possui obras em acervos de Museus no Brasil, Cuba, Espanha, Eslovênia, Itália, Letônia, Portugal, Rússia, Ucrânia, Argentina, República Dominicana, entre outros. Expõe regularmente desde 1984. Coordena o Espaço Oficina – Galeria Estúdio em Florianópolis/SC/ Brasil; Coordena o Programa de Extensão Universitária NUPEART Pro…Move do Centro de Artes- CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; Coordena o Laboratório Institucional de Cerâmica – LIC/ UDESC.

Sandra Correia Favero

Doutorado em Poéticas Visuais, USP, 2015. Mestrado Gestão do Design – UFSC, 2003. Graduação em Pintura – EMBAP, PR, 1979. Atua como artista, pesquisadora e professora de graduação e pós-graduação em Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, PPGAV. Participa ativamente como artista da cena artística brasileira em exposições, mostras e festivais. Coordena com a Profa Silvana Macêdo o grupo de pesquisa Articulações Poéticas e o Programa de extensão Ações Poéticas na UDESC.

Silmar Pereira

Doutorando em Artes Visuais (udesc 2018/1), Mestre em Artes Visuais - Processos Artísticos Contemporâneos (2015) pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Graduação em Bacharelado em Artes Visuais (UDESC - 2013). Pesquisador, artista visual, escritor e professor. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos do Corpo, Processos de Criação, Texto de artista e sobre Artistas, Arte Contemporânea, Performance (performance studies e performance art) e Teoria da Imagem

Silvana Macêdo

Pesquisa o diálogo entre a arte contemporânea, ciência, natureza e tecnologia, o tema de seu doutorado (2003), na Northumbria University, Newcastle Upon Tyne, no Reino Unido. Aprofundou suas pesquisas sobre tecnologia de telepresença em seu trabalho de pós-doutorado na Universidade de Caxias do Sul, em 2005. Desde então desenvolve projetos artísticos que envolvem o uso de tecnologias novas e antigas, sobre a temática do meio ambiente. Mais recentemente pesquisa sobre maternalismos contemporâneos, feminismos e estudos de gênero. Professora efetiva do DAV desde 2006, professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Udesc – Ceart, atua nas áreas de pintura, multimeios, instalação multimídia e artes midiáticas.

Articulações Poéticas
e **escritas de si**